

MILITIA

SUMÁRIO

NOSSA CAPA	82
EDITORIAL	5
DIVERSOS	

Em Pé de Igualdade com Componentes das Forças Armadas — Juiz Clio Fiori Druck	6
Imprensa e Guerra — Ten. Cel. Luiz F.S. Wiedemann	10
A Veterinária no Brasil — Cap. Ademar Guilherme	15
Exerça sua Função Angariando Simpatia — Ten. João Aldo Danesi	16
Polícia Ostensiva — Cap. Teodoro Nicolau Salgado	18
Angor Pectoris — Dr. Oscar Abranches	21
Problemas Policiais-Militares — Ten. Cel. Orlando Xavier Pombo	22
Muita Reminiscência... Petca Saudade — Major Olímpio de O. Pimentel	26
Sonho de Poeta — Poema de Mário da Mata Rezende	29

NOTICIÁRIO

A Força à Testa da Luta contra Mal de Chagas	34
Um Decênio de Vida do Presídio Militar — Ten. Júlio Paulo Belickas	45
A Força Pública como Reserva do Exército — Cel. Godofredo Rocha	54
Banda de Música da Força Pública — Ten. Alcides J. Degobi	58
O Brigadiano Salva uma Vida com Inteligência e Dedicção	62
Bombeiros Paulistas Entram no 80.º Ano de Existência	64

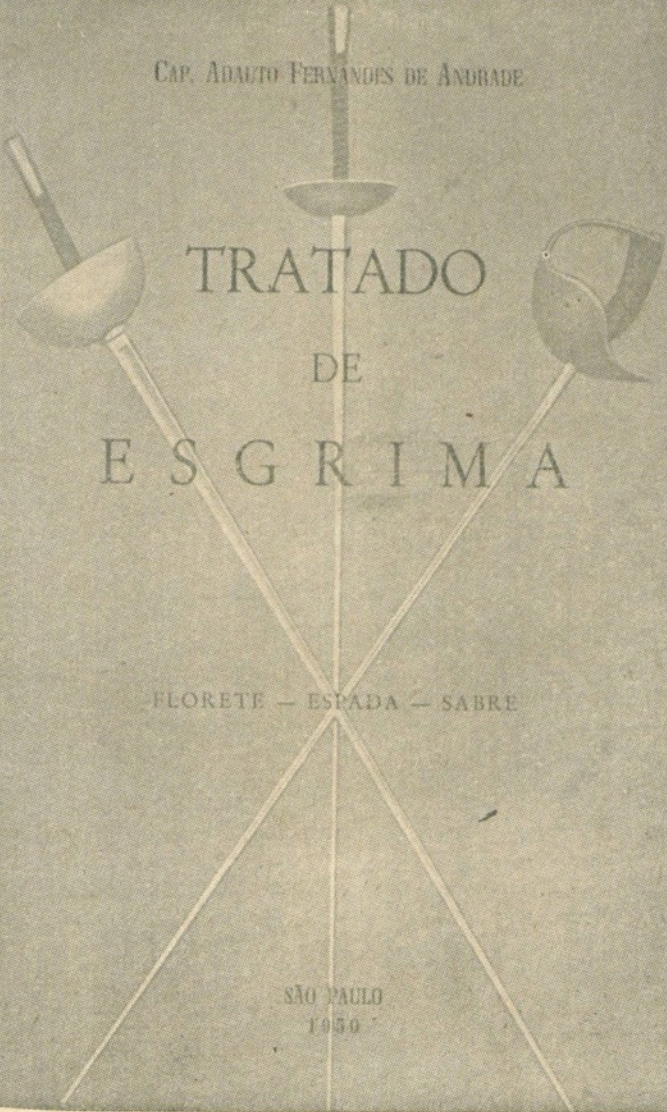
NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS

Bahia	36
Ceará e Distrito Federal	38
Goiás e Minas Gerais	39
Paraíba e Pernambuco	40
Rio de Janeiro	42
Rio Grande do Sul	43
Sergipe	44

SEÇÕES

No Mundo das Letras	30
Destaques da Força Pública	63
O Bimestre no Mundo	72
Educação Física e Esportes	74
O Brasil em Dois Meses	78
Palavras Cruzadas	82

CAP. ADAUTO FERNANDES DE ANDRADE



TRATADO
DE
ESGRIMA

FLORETE — ESPADA — SABRE

SÃO PAULO
1950

Decálogo preventivo contra incêndios

- 1) — **NÃO** deixe fósforos ao alcance das crianças.
- 2) — **NÃO** saia de casa sem antes verificar se não esqueceu o ferro elétrico ligado ou a torneira de gás aberta.
- 3) — **NÃO** faça ligações elétricas “de emergência”; procure sempre técnicos competentes para fazê-las em definitivo.
- 4) — **NÃO** faça concorrência aos fabricantes de cêra, tentando fabricá-la em sua casa; essa economia não compensa o grande risco de um incêndio.
- 5) — **NÃO** jogue palitos de fósforos e pontas de cigarro usados, sem antes verificar se estão completamente apagados e escolha o lugar onde jogá-los.
- 6) — **NÃO** queira substituir o fuzível queimado por uma moeda ou outro recurso caseiro; use um fuzível novo e de capacidade adequada.
- 7) — **NÃO** trabalhe com material inflamável ou de fácil combustão sem antes certificar-se de que não há fogo por perto.
- 8) — **NÃO** queira dar uma “fumadinha” durante os instantes em que o tanque de seu automóvel está recebendo gasolina.
- 9) — **NÃO** guarde cêra, gasolina para limpeza, solventes ou álcool em lugares próximos de fogo e do alcance de crianças.
- 10) — **NÃO** solte balões nem queime fogos; ambos provocam acidentes dos mais graves, levando a destruição, o desemprego e a miséria a muitas famílias.

A IMPRUDÊNCIA e o DESCUIDO constituem os MAIORES INIMIGOS de sua VIDA, de seu LAR e de seu BOLSO !

Contribuição de «MILITIA».

SEM DIREITO de greve, sem caravanas contra a carestia, os milicianos da Fôrça Pública sentem na própria carne, como todo o povo brasileiro, o resultado da crise econômica por que passa nosso país. No mês em que se comemora o aniversário da morte de Tiradentes, patrono das Polícias Militares, os policiais militares de São Paulo e dos outros Estados da Federação vêem-se na contingência de apertar ainda mais o cinto, nada podendo fazer senão observar as reivindicações do povo e as medidas das autoridades federais, que contam também com o concurso do comando de nossa milícia. E confiam numa rápida solução para sustar a corrida altista.

Entretanto, velam dia e noite para garantia da tranqüilidade pública. Com o problema do sustento e da educação de seus filhos, estão longe de ter a vida que merecem, mas aguardam dias melhores e trabalham, tão bem como podem com tôdas as dificuldades, mesmo sem a lei de unificação das P.M., sempre esperada e sempre adiada.

Com os componentes da milícia paulista, ocorre o mesmo que com tôdas as classes populares: o último aumento de vencimentos foi inutilizado pela elevação do custo de vida. Da mesma forma que todos os que vivem de salários, nossos soldados encontram cada vez mais obstáculos ao cumprimento do dever.

Côncios, porém de suas obrigações, os milicianos estão sempre prontos a sacrificar-se pela população civil e, em qualquer circunstância, saberão defender a lei. Outros obstáculos virão, por certo, e há quem preveja dias ainda mais negros. Alguns dos nossos poderão sucumbir, mas a Fôrça continuará firme no desempenho de suas funções, independentemente da solução que nossas autoridades encontrarem para a crise.

Há cento e setenta anos, o miliciano Tiradentes morria pela liberdade. Mais tarde, o grito do Ipiranga deu aos brasileiros a sensação de independência. A República, por sua vez, vibrou o golpe de misericórdia no que restava do domínio luso. O Brasil, contudo, depois de tantos anos, ainda não perdeu sua condição de simples exportador de produtos agrícolas e matéria prima. Nossa moeda, cada vez mais desvalorizada, tira-nos a liberdade sonhada por Tiradentes.

Oxalá, não haja necessidade de outros mártires!

Em pé de igualdade com os componentes das Fôrças Armadas

PÓRTO ALEGRE, fevereiro (Do correspondente de MILITIA) — O juiz Clío Fiori Druck, da Córte de Apelação da Justiça Militar do Rio Grande do Sul, apresentou ao I Congresso Brasileiro de Direito Penal Militar, realizado na capital da República, tese sôbre a situação juridico-penal do policial militar dos Estados. Trata-se de assunto que vem despertando interesse das P.M. de todo o Brasil.

Aquela tese, como muitas outras, defende o caráter militar das funções de nossos milicianos. No que diz respeito às Polícias Militares, foi a idéia dominante no conclave. Após acesos debates, aquêlo ponto de vista foi aprovado, sendo de notar que participaram das discussões nomes dos mais destacados da jurisprudência brasileira. Em face do significado e da oportunidade do problema, transcrevemos na íntegra a tese do juiz gaúcho.

Depois de cuidadoso arazoado, o autor chega as seguintes conclusões.

I — Situando as Polícias Militares estaduais entre os órgãos permanentes que compõem as Fôrças Armadas Nacionais, e as estruturando com base na hierarquia e na disciplina, o sistema constitucional brasileiro não favorece qualquer propósito discriminatório na estimativa da situação juridico-penal dos seus integrantes, em face dos componentes das três corporações básicas (Exército, Marinha e Aeronáutica).

II — Os crimes praticados pelos policiais-militares dos Estados, ou contra eles, no exercício da função policial, que lhes é característica e específica, são delitos que afetam a ordem administrativa militar, o dever a disciplina e a obediência do soldado, a quem se confia, como soldado, a tarefa constitucional da segurança interna e da manutenção da ordem civil.

III — Tais princípios precisam ser claramente complementados pela legislação federal, em termos de substancializar nítido conteúdo à Justiça militar dos Estados, que a Constituição institui como fóro especial irrecusável”.

Para tanto, parte do seguinte princípio:

"Uma indagação surge, quando se pretenda fixar a situação jurídico-penal do policial-militar dos Estados como integrante de u'a milícia que é constitucionalmente organizada como reserva do Exército Nacional, com fôro próprio, e que tem por função precípua o policiamento civil:

Exerce o policial-militar em serviço de policiamento civil função de natureza militar?

Respondo afirmativamente. O policiamento civil, isto é, a manutenção da ordem civil, é atribuída aos Estados pela constituição Federal, e deve ser realizada através de corporações regulares que a lei maior denomina "Policias-Militares", (art. 183), cuja organização, instrução, justiça, garantias e condições gerais de utilização a União reservou para a sua competência legislativa (art. 5.º XV, f).

A Constituição inclui as milícias estaduais entre as instituições permanentes que compõem as Forças Armadas Nacionais, das quais o Exército, a Marinha e a Aeronáutica são a essência (art. 176). Particularizando-as com a denominação de Polícias-Militares, e as estruturando com base na hierarquia e na disciplina, quis imprimir a essas corporações um cunho militar indeclinável. Deu mesmo tal ênfase ao propósito que sobre elas só permite aos Estados legislar supletivamente. (art. 6).

Do texto constitucional, embora ainda não bem complementado, já se depreende, contudo, que o policial-militar tem qualidade própria de militar para as funções policiais, qualidade essa de que se investe pelo fato de seu alistamento ou incorporação na força. Essa qualidade é que o distingue do servidor civil integrante da carreira policial.

Como decorrência da incorporação ou *engajamento*, cria-se um vínculo

"sui generis", pelo qual o militar fica sujeito a severos preceitos formais de subordinação e disciplina, preceitos esses que se enunciam em leis e regulamentos especiais porque é essencialmente neles que se assenta a razão de ser e a dinâmica das forças armadas. Essa subordinação e essa disciplina, inatas na condição de soldado, é que vão plasmar a personalidade adequada ao tipo de atividade funcional, impondo-lhe um comportamento peculiar em função do interesse militar, sempre presente onde quer que atue o militar em serviço. É por isso, e porque o crime cometido pelo militar em serviço compromete a ordem administrativa militar, que se lhe dá fôro especial (Código Penal Militar, art. 6.º, II, letra c), considerando-se que a lesão do interesse social comum se caracteriza aí pela contemporânea lesão do interesse militar (MANZINI, *Diritto Penale*, pag. 11; ESMERALDINO BANDEIRA, *Direito Penal Militar Brasileiro*, 1.º volume, pag. 116).

Dentro da estrutura constitucional vigente não me parece cabível qualquer distinção entre o militar do Exército, da Marinha ou da Aeronáutica e o policial-militar do Estado como sujeito ativo ou passivo de delito. Assim como se afora na Justiça Militar o crime cometido por aquêles, quando em serviço ordinário de guarda a edifícios públicos federais, (reclamado, reiteradamente, por ocasião de greves ou de agi-

tações do ânimo popular), haverá de se dar fôro especial ao policial-militar do Estado, quando processado por delito praticado em serviço de guarda a edifícios públicos estaduais, aos presídios, aos portos, e de policiamento preventivo e repressivo, na manutenção da ordem civil, mesmo porque êsses serviços se incluem nos pressupostos constitucionais das milícias em tempo de paz, para as quais a Carta Magna institui Justiça especial irrecusável (art. 124, XII).

Ora, os delitos praticados pelos policiais-militares quando no exercício da função policial, *que caracteriza a atividade específica do funcionário militar do Estado*, são delitos que afetam o dever, a disciplina e a obediência do soldado, a quem se confia, como soldado, a tarefa constitucional da segurança interna e da manutenção da ordem. Daí o provimento necessário de uma justiça especial pelos Estados, e que se destina ao processo e julgamento dêsses delitos. Sutraí-los ao seu conhecimento importa, pois, em negar a própria razão histórica, jurídica e constitucional da existência da Justiça Militar estadual, relegando-a como um aparelhamento inoperante, vazio de conteúdo pela quase total carência de causas a julgar. Pois, como ainda recentemente acentuou o DR. ATHOS GUSMÃO CARNEIRO, ilustre juiz-de-direito, no Rio Grande do Sul, em artigo publicado na edição de 22 de Abril último do "Correio do Povo", de Porto Alegre, a objeção de que cabe à Justiça Militar estadual julgar apenas os delitos que atentem diretamente contra a disciplina, a hierarquia, a organização, da tropa, encontra a seguinte refutação: o policial-militar que permite a fuga de de-

tento sob sua custódia descumpre os deveres de seu cargo da mesma forma que os descumpre quando se insubordina contra o superior hierárquico — é uma questão de maior ou menor gravidade do ilícito criminal, que não tem influência quanto à matéria de competência jurisdicional.

É verdade que, na história jurisprudencial brasileira, tem havido uma certa insegurança na conceituação dos crimes cometidos por militares estaduais em serviço. As oscilações se devem menos à substância do problema do que à mingua de suprimentos legislativos que complementem as disposições constitucionais vigentes. Chamado a dirimir conflitos de jurisdição com a Justiça Ordinária, o colendo Supremo Tribunal Federal, depois de uma sucessiva linha de acórdãos em sentido contrário — com robustos votos vencidos dos ministros Orozimbo Nonato, Hahnemann Guimarães, Barros Barreto, Aníbal Freire, Afrânio Costa, Abner Vasconcelos e Nelson Hungria, alternados, vez que outras, por decisão favorável à Justiça Militar, por acidental composição das egrégias turmas parece ter-se fixado no reconhecimento definitivo do caráter militar do crime praticado em serviço, por integrantes das forças públicas estaduais, conforme se vê do acórdão proferido no Conflito de Jurisdição n.º 1 975, do Rio Grande do Sul, de 26 de junho de 1952.

Em nenhuma vez, porém, o problema da conceituação do caráter militar da função se debateu com maior clareza do que no julgamento do "habeas corpus" n.º 30 362, de 23 de junho de 1943, de que foi relator o eminente Ministro Ribeiro da Costa, e cujas notas

taquigráficas estão reproduzidas na Revista dos Tribunais, vol. 185, pag. 477 e seguintes.

Embora discordantes em detalhes e desconciliados na decisória, todos os integrantes do plenário excelso, sem exceção de nenhum estiveram acordes num ponto: o de que A NATUREZA MILITAR DA FUNÇÃO SE ENUNCIA NA LEI E NOS REGULAMENTOS MILITARES. Daí porque só caracterizam como militar o delito, nas hipóteses do art. 6.o, II, letra c e III, letra d, quando o sujeito ativo ou passivo do crime esteja no exercício de sua *função específica*, como tal expressamente definida em lei.

Ora, a Constituição Federal confere às forças públicas dos Estados a categoria de Polícias-Militares, atribuindo-lhes *especificamente* a tarefa do policiamento e as estruturando à base da disciplina e da hierarquia, que são os fundamentos das corporações armadas nacionais, das quais elas formam parte integrante, como forças auxiliares. A função policial-militar é a atividade *peculiar* do profissional das armas alistado ou incorporado às milícias estaduais, o qual está permanentemente em serviço policial-militar. As milícias estaduais são, pois, órgãos, essencialmente policiais, de caráter necessariamente militar.

Esse caráter militar compulsório que a Constituição lhes outorga funda-se na razão de sua própria existência: elas constituem a *reserva-ativa* do Exército Nacional, o instrumento de que se serve a União para manter em armas uma força viva, familiarizada com os mistérios da guerra, capaz de as-

sumir imediatamente, na eventualidade de um conflito, a sua missão existencial de "força auxiliar" no arcabouço da defesa nacional.

Tais pressupostos implicam, obviamente, na plena identificação do policial-militar dos Estados com o componente de qualquer das três corporações básicas sobre as quais se assenta a segurança interna e externa do país, motivo por que a situação juridico-penal de um e de outro não deve sofrer discriminação baseada em diversidade de índole funcional.

O Exército, a Marinha e a Aeronáutica, destinam-se a defender a Pátria, e garantir os poderes constituídos, a lei e a ordem republicana, na sua expressão federativa. As Polícias Militares se incumbem da segurança interna e manutenção da ordem nos Estados. Todos, como peças estruturais permanentes da defesa nacional, estão sujeitos a regime formal de disciplina, submetidos à autoridade civil através dos órgãos de sua própria hierarquia (Const. Fed. arts. 176 e 183). O objetivo imediato da atividade ocupacional não altera a substância militar do serviço, eis que, *funcionalmente*, as tarefas que cada corporação desempenha só podem ser realizadas pelos membros *na qualidade de militares*, e, como tais, subordinados a regras peculiares, que são os implementos necessários da farda.

O caráter militar das forças públicas dos Estados é inalienável. Esse caráter estará, contudo, comprometido se, do desempenho da sua função precípua, os militares estaduais perderem aquilo que é mais inerente ao militar: a justiça especial para os crimes porventura cometidos no exercício da função".

Escreve o

Ten. Cel. Luiz J. S. Wiedemann

Da Sociedade Brasileira de Sociologia

Como muito bem sabemos, a principal característica de um jornal é a transmissão ou divulgação de notícias que constituem formas de interação social e não somente matéria impressa para uma classe especial.

Se desejarmos fazer um retrospecto, não será demais recordar que as notícias sob o ponto de vista do interesse, sempre existiram.

Assim, parece-nos que os primeiros escritos aparentados com jornais, fossem os "Acta Diurna Populi Romani".

Na antiga e imperecível Roma, era costume divulgar sempre os acontecimentos em tábuas brancas, que se chamavam *album*, e que se fixavam ao muro da residência do pontífice; a coleção destes escritos marcou a origem dos futuros *Annales Maximi* que constituíram verdadeiras fontes de estudo da história romana.

terística do jornalismo moderno, a variedade e, pouco depois, também a continuidade. No entanto, não conseguiram obter outra grande característica dos jornais modernos que é a circulação.

O primeiro jornal a surgir com a norma de circulação, talvez fosse no oriente, pois a impressão xilográfica ou tabular era conhecida e usada na China desde o ano 900. A folha imperial King Pao que, na opinião de alguns, começou a ser editada no século X, e na de outros, no século XIV, durou até 1934, sendo que diária, a partir de 1800, permaneceu assim até o seu desaparecimento.

No Brasil, os primeiros jornais surgiram em 1808, e foram: o "Correio Brasiliense", impresso em Londres, por Hipólito da Costa e distribuído em junho; e a "Gazeta do Rio de Janeiro", primeiro periódico editado no país, cujo

Imprensa e Guerra

Quando, 69 anos A.C., Júlio César assumiu o consulado, resolveu que os fatos do povo e do Senado passassem a ser divulgados diariamente, conferindo, assim, a primeira característica do jornal, a atualidade. Ao passar o tempo, as actas adquiriram outra carac-

número inicial saiu da "Impressão Régia", a 10 de setembro.

Mescenas Dourado, em 1956, publicou a obra "Hipólito da Costa e o Correio Brasiliense", que foi agraciada pela Biblioteca do Exército, com o prêmio "Pandiá Calogeras".

Atualmente, é o jornal uma das armas mais importantes, pela influência que tem na opinião e no comportamento coletivo. Ele congrega, num momento, imenso público disperso e nos pontos mais distantes.

Hoje em dia, o jornal acha-se presente em todos os nossos campos de atividades, quer seja social, pública ou particular. Como esclarece Artur Ramos "divulgando notícias, ele se dirige aos indivíduos solicitando-lhes atenção, despertando-lhes interesse e formando opiniões.

A contestura de um jornal moderno reflete a multiplicidade de públicos a que ele se destina, procurando atingir o maior número possível de elementos da sociedade, aumentando o número de suas sessões e a especialização de seus redatores, de acôrdo com a complexidade, dia a dia maior, da nossa vida. Um grande exemplo é o da energia atômica que, aparecendo praticamente em 1945, com as explosões de Hiroshima e Nagasaki, ocupou, inicialmente, as manchetes das primeiras páginas; depois passou às páginas seguintes, até que, integrando-se na vida cotidiana, passou a ter suas secções especializadas.

Incontestavelmente, um dos maiores fatores da imprensa é a propaganda. Bem aplicada e bem dirigida é, de fato, uma das características que vem conduzindo a opinião pública a favor ou contra acontecimentos que se sucedem.

Se acompanharmos sua evolução — da propaganda — verificamos que ela vai surgir politico-militar, quando praticada pelos antigos gregos. Assim é que Gibbon, em sua obra *Declínio e Queda do Império Romano*,

refere-se a disseminação nas hostes inimigas do que ele denomina "libelos" — acusações satíricas destinadas a minar a confiança na probidade e competência profissional dos chefes militares adversários. Igualmente, a guerra medieval não esqueceu o emprêgo dêste grande agente, o arauto, como recurso para difundir o alarme e o desânimo nas hostes inimigas.

Parece-nos, no entanto, que o esforço de propaganda mais espetacular e de maior alcance até hoje iniciado e executado por um homem foi a cruzada levada a efeito por Pedro, o Ermitão (Pedro de Amiens, 1050 — 1115), para levantar a cristandade numa tentativa militante para tirar a Terra Santa das mãos dos muçulmanos. O efeito de sua propaganda espiritual, foi espantoso e serviu, também, como um dos maiores elementos para conseguir realizar a primeira, a segunda e, a mais forte de tôdas, a terceira cruzada para alcançar Jerusalém.

Um curioso fervor, misto de feição politico-religiosa, foi o que caracterizou a copiosa propaganda dos elementos puritanos, na luta entre o rei e o Parlamento, ao qual estará sempre associado o nome de Oliver Cromwell.

O que se poderia chamar de primeiro esforço de propaganda sem junções religiosas, a ser desencadeado em tempo de guerra, foi realizado pelas autoridades, norte-americanas, nos dias iniciais da áspera luta dos colonos pela independência.

Podemos acrescentar que a intervenção de Lafayette, em favor da liberdade norte-americana, teve um efeito de propaganda na côrte de Versalhes, que excedeu claramente o valor

dêsse personagem, apesar do grande préstimo que proporcionou ao exército continental, em campanha.

Vale-nos recordar que, em 1793, quando os chefes revolucionários franceses empenhavam todo o esforço nacional na continuação da luta contra as forças coligadas anglo-austro-prussianas, o mundo defrontou-se, pela primeira vez, com o conceito da verdadeira guerra total". Simultaneamente, uma QUARTA ARMA foi acrescentada ao combate no mar, em terra e no ar (que pode ser especificamente incluído, pois um balão de observação participou da Batalha de Fleurus, a 26 de junho de 1794), tomando a forma de uma PROPAGANDA bem organizada e largamente disseminada.

Vemos, assim, o crescendo da evolução da propaganda a que ponto atingiu nas guerras.

Antes da invasão gaulêsa da Holanda, em 1794, por exemplo, uma intensa campanha de propaganda procurou convencer os holandeses de que era a liberdade ao invés da conquista, o motivo que levava os revolucionários a invadir sua fronteira.

É interessante de se notar, como Napoleão aprendeu algo a respeito das possibilidades da propaganda em sua campanha na Itália.

A maior necessidade do grande general era a de levantar a marinha e somente uma campanha de vulto nacional o conseguiria. Por felicidade, possuía Napoleão, na pessoa de Lewis Goldschmit, seu *conselheiro de impensa* e *chefe de propaganda*, um auxiliar de capacidade excepcional. Goldschmit, era judeu, português de nascimento, e seus métodos de "publicidade" tinha uma engenhosidade e versatilidade tais, que

os mais destacados especialistas de propaganda do século XX, observá-lo-iam com inveja. Sob o estímulo constante de seus patrióticos apelos ao orgulho cívico e ao pundonor, o povo francês adquiriu, quase de uma hora para outra. E uma "consciência naval jamais alcançada.

É de se notar que, nesse mesmo período, realizou-se uma campanha de propaganda na Grã-Bretanha, que se caracterizou por uma completa mudança de esforço, durante os primeiros estágios de seu desenvolvimento.

A propaganda organizada pelo presidente Lincoln, durante a guerra da Secessão, com o propósito de impressionar a opinião pública da Inglaterra, quanto à justiça da causa do norte, foi um dos mais eficientes esforços realizados no gênero.

Poderemos, também, lembrar a exploração de Bismark, em torno do famoso "telegrama de Ems", que foi um deliberado instrumento de propaganda destinado a incutir, no povo alemão, aquela fé inabalável na justiça de sua causa.

Embora este assunto seja demais atraente, não desejamos estendernos mais sobre o mesmo, mas podemos recordar que sua importância foi reconhecida em todas as épocas da história, tendo sido utilizada como instrumentos da opinião pública.

Ao final da 1.ª guerra mundial foi empregada a propaganda, agora já incorporada como arma psicológica, com o objetivo de minar o moral do inimigo. Tendo isso em mira, foi que os aliados, nos últimos meses de guerra, lançaram milhões de folhetos. Essa ação foi empreendida com grande previsão e no momento oportuno. Estava bem adap-

tada à psicologia do adversário e em consequência, foi muito eficiente, enquanto a contra-propaganda alemã falhou porque era ilógica e antipsicológica. Entre as duas grandes, a U.R.S.S. e a Alemanha desenvolveram a ação psicológica chamada geralmente "guerra de nervos".

Trotsky, em sua "Estratégia de Desintegração", lançou os princípios básicos da guerra psicológica, que não deveria cessar senão depois da vitória comunista sobre todo o mundo. Na Alemanha, tão logo o Partido Nazista conquistou o poder ocupou-se da doutrinação do povo alemão, de acordo com o processo de Trotsky.

Quando irrompeu a 2.ª guerra mundial, a Alemanha dispunha de uma eficiente arma psicológica, que fora pacientemente experimentada no período de pré-guerra. A seção de Propaganda da Wehrmacht estabelecida junto ao Alto Comando Alemão foi criada em abril de 1939. Três idéias fundamentais, desenvolvidas segundo as experiências obtidas na 1.ª guerra mundial, serviram de base à sua organização:

- 1.º — A propaganda representa importante meio de combate;
- 2.º — Os esforços inimigos para a desintegração de nossas forças devem ser combatidos;
- 3.º — O serviço de reportagem de guerra demanda uma organização, previamente preparada.

Dado esse incremento alemão, foi então que os ingleses e americanos estabeleceram as bases de uma ação psicológica coerente cujo objetivo primária era quebrar o monopólio que Goebbels havia criado para si, na Europa.

Para chegar a esse resultado, tornou-se necessário "constranger o governo alemão, por meio de uma propaganda habilidosa, a aceitar a controvérsia pelo rádio".

Assim começou pela B.B.C. e outras estações de rádio aliadas, a propaganda de guerra levada à saturação, dito das populações alemãs, nas informações irradiadas pelos aliados, chegou ao ponto em que o inimigo, finalmente, acreditava e julgava, não de acordo com o que seu próprio governo dizia, mas sim com as notícias que lhe vinham de Londres.

A B.B.C. de Londres constitui um magnífico exemplo, na 2.ª guerra mundial, da vantagem que se pode tirar das derrotas para angariar a confiança admitindo as retiradas. Utilizando o que se chama a propaganda "espelho" apresentando os dois lados do quadro, a B.B.C. tornou-se uma fonte de informação mesmo para os oficiais do Estado Maior Alemão. Finalmente, a B.B.C. pôde utilizar seu crédito para desorientar os chefes alemães, quanto aos desembarques.

Ao terminarmos este rápido bosquejo histórico da imprensa e a evolução da sua característica *propaganda* entrosada com a guerra, chegando atualmente a ser um elemento eficientíssimo dentro da guerra psicológica que é uma arma formidável na guerra total, poderemos trazer, concluindo, os seguintes ensinamentos:

Pode ser aceito, como regra geral, que a propaganda cuja natureza dupla, política e militar, é por demais vantajosa nas guerras.

Que a imprensa, seja falada ou escrita, é indispensável na coparticipação de uma conflagração.

A existência de uma propaganda militar é imprescindível. A propaganda de combate, as atividades instrutivas da tropa e a reportagem de guerra, conforme procuraremos mostrar, exigem sua existência. Seu planejamento deve ser feito durante o tempo de paz; no entanto, não devemos esquecer que será indispensável um arcabouço dentro do qual os profissionais, em caso de mobilização, se integrem. Os elementos necessários podem ser procurados nas organizações de propaganda civil, nas imprensas do governo, assim como nos serviços de rádio, de fotografia e de cinema. Todos eles, entretanto, devem receber instrução militar, a par de outras, para atenderem a missões especiais.

Quanto à propaganda dirigida contra o inimigo é preciso constante e intenso estudo a seu respeito, exigindo-se, entre outras cousas, completa familiaridade com sua psicologia, sua política, sua situação econômica e seus interesses culturais.

Gustave Le Bon, na sua "Psicologia das Multidões", declara que uma

idéia não pode ser propaganda a menos que satisfaça a três condições essenciais: afirmação, repetição e persuasão.

Não nos esqueçamos que a guerra psicológica é uma prova do moral. A nação que conseguir preservar seu moral terá a melhor garantia de sua vitória, de sua sobrevivência e de sua liberdade.

Assim, é importantíssimo para os que estudam os métodos de guerra, o da coparticipação da imprensa.

Que tôda a impresa mundial trabalhe para a mais elevada das propagandas, pela elevação intelectual e moral dos povos, não pelo morticínio ou devastação; pelo amor fraterno que faz florescer até as ruínas; não pelo ódio que destrói e mata para engrandecer a uns, oprimindo aos outros; mas sim pela igualdade humana como um roseiral em flor, onde cada planta tem a água, o ar e o sol de que necessita para seu crescimento, sua vida plena e sua esplendorosa floração.

* * *

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9º andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36.7659. São Paulo.

A VETERINARIA NO BRASIL

— Ademir Guilherme —
CAP. VETERINARIO DA P. M. DO ESTADO DO RIO

O tratamento dos animais domésticos remonta a inúmeros anos antes da era cristã: na Índia, Mesopotâmia e Egito, principalmente, uma veterinária incipiente, já se fazia presente.

Mas foram os gregos, romanos e árabes que elevaram a um alto grau a medicina do cavalo: a hipiatria.

As ordens de cavalaria, durante a Renascença, chegaram a influenciar a quase totalidade dos escritores da época, hipiatras e não hipiatras, os quais se deleitavam no preparo de excelentes tratados sobre a veterinária.

A medicina veterinária, como acentua Arturo Castiglioni, começou a esboçar-se neste século. Já citamos o trabalho de Carlo Ruini sobre a anatomia do cavalo, em conexão com a descoberta da circulação. Na Alemanha, a «Artzeney...» (1618) de Martin Bohme serviu de padrão quase durante um século, enquanto na Inglaterra a «Anatomy of a Horse» (Londres, 1686) de Andrew Snape ocupa posição similar. Também é digna de nota a observação de Jacques de Soleysel de que o mormo é doença transmissível entre os cavalos (1664).

Todavia, somente a partir do século XVIII é que aparecem livros especializados sobre outras espécies animais, com a fundação da Escola de Lião na França

A ciência veterinária é, pois, a fração da Medicina que estuda as doenças dos animais.

Se usássemos a periodização, também no Brasil a veterinária se desmembraria em duas partes distintas: uma ante-escolástica, e outra escolástica.

A ante-escolar com duas secções: a) agrícola; b) agropecuária.

A sessão agrícola compreende o período das origens até o fim do tráfico negreiro, quando a monocultura (cana de açúcar) se fixara obrigatoriamente. A seção agropecuária corresponde ao período seguinte, e terminaria com o advento da primeira escola de veterinária.

A escolar inicia-se, portanto, com a fundação da Escola de Veterinária, federal, e se intromete aos dias atuais.

Até bem pouco tempo, a função policial era antipática, tanto para quem a exercia como para quem fosse obrigado por qualquer circunstância, a tomar contato com a Polícia. E, por que era essa função, que hoje achamos tão nobre, antipatizada? Eis o segredo: "FORMAÇÃO DO HOMEM". A formação do homem se revestia somente na parte externa, isto é, fardava-se um homem, armava-se, e apelidavam-no de POLICIAL.

EXERÇA SUA FUNÇÃO

O primeiro contato com o público causava, quase sempre, conseqüências irreparáveis para o resto da vida. Não havia preocupação em preparar-se um policial espiritualmente, isto é, incutindo-lhe, no íntimo, uma formação moral indelével, e além do preparo técnico profissional propriamente dito, a preparação psicológica para a função.

O aspecto psicológico, hoje, com o advento da psicologia e sua aplicação na seleção profissional, modificou de maneira radical o conceito até então dispensado à função policial.

Precisa o policial moderno ser psicólogo para desempenhar sua missão? Claro que não. O que ele necessita é conhecer a psicologia própria da função que exerce. E para isso basta-lhe uma formação que lhe ensine as normas essenciais no trato com o público.

O policial é como o comerciante. Este vende mercadorias específicas e aquêle tranqüilidade. Se ambos insistirem em vender produtos, por certo

JOÃO ALDO DANESI

1.º ten. da Brigada Militar do Rio Grande do Sul

não os venderão. Ninguém gosta que lhe vendam. O que todos gostam é de comprar o que melhor lhe parece. E é isso que o policial e o comerciante devem fazer: interessar seus clientes para que lhes comprem seus produtos. Perguntarão: — Como pode um policial interessar o público para comprar tranqüilidade? Ameaçando-o com as sanções da lei? Jamais. Qualquer policial pode muito bem desempenhar sua missão com grande eficiência, com o mínimo de corretivos. Basta para isso, interessar-se pela pessoa com quem se trata. Ninguém gosta que lhe digam: — "O sr. está erradol!" "O sr. vai ser punido!" O policial que se dirigir a um infrator, tendo em vista demonstrar sua autoridade e seu poder, na certa não conseguirá atingir o objetivo principal de sua missão, qual seja o de que a lei seja cumprida.

ANGARIANDO SIMPATIA

Naturalmente qualquer um pode fazer que um homem lhe dê seu relógio apoiando-lhe um revólver nas costelas.

É certo que um policial pode fazer um motorista cumprir as leis do trânsito ameaçando-o com uma multa. Mas será certa essa medida? Evidentemente que não. Eis, então, por que o policial moderno necessita saber tratar com o público, para fazer com que as leis sejam cumpridas, tornando sua função atraente e um meio de fazer amigos.

E para exemplo da tese que espousamos, podemos citar o "policeman" da Inglaterra, cuja urbanidade no trato com o público é conhecida em todo o mundo.

Qualquer motorista que entre contra mão numa rua, por não conhecer a sinalização do trânsito, ou o sinal feito pelo guarda, terá por certo que parar, por intimação do mesmo. O policial encaminha-se na direção do infrator. Calmo e tranqüilo. Com um largo sorriso e um continência bem feita: "Amigo, o senhor não devia ter avançado. Contamos com a sua colaboração em não mais fazer isto para o futuro. Do contrário poderá suceder que uma vez ou outra se não der atenção aos meus sinais, o senhor venha a bater em outro carro. E depois do abarrotamento do trânsito ocasionado pelo acidente, todos se voltarão contra mim." Dito isso, o guarda despede-se com uma nova continência e toda a ur-

banidade. Volta para o seu posto e continua a dirigir o trânsito. Sempre com gestos desembaraçados e fleumáticos e a maior tolerância pelas imperfeições comuns aos mortais.

Atitudes como essa fazem com que qualquer forasteiro, após breve permanência em Londres, fique querendo bem os "policeman". A infração não o irrita em nada, e o guarda não ameaça o motorista caso torne a repetir a infração. A multa virá sem apelação. Ele se preocupa, isso sim, com a conservação dos paralamas, interessa-se pela conservação dos bens alheios. Certamente o infrator que for tratado tão polidamente por um mantenedor da ordem, que não se preocupa em demonstrar sua autoridade, e sim interessar-se pela sua propriedade, e pela sua vida, tomará todas as preocupações possíveis para não tornar a infringir as leis do trânsito e, o mais importante, o agente terá evidentemente, um aliado, um colaborador, um amigo.

JOVEM!

VOCÊ QUE PRETENDE SER OFICIAL
— DA FÔRÇA PÚBLICA —

INICIE DESDE JÁ SEUS ESTUDOS — MATRICULE-SE NO

CURSO MILITIA

Patrocinado pelo Clube dos Oficiais

que nos últimos exames de admissão
ao Curso Pré-Militar apresentou
maior índice de aprovação

Número de vagas limitado a 25 em
cada classe, para melhor
aproveitamento dos alunos

Informações · Telefones 32-2884 e 7-5011

POLÍCIA OSTENSIVA

Cap. Teodoro Nicolau Salgado (Professor de Criminalística e de Prática de Policiamento Geral da Escola de Aperfeiçoamento e da Escola de Oficiais).

Dentro do mecanismo do Estado, podemos dizer que a polícia ostensiva, nada mais é do que um ponto de contato real e positivo entre o povo e a justiça.

As expressões "polícia ostensiva" e "polícia preventiva", embora tenham sentido funcional diverso, confundem-se na prática. Isso porque quando se trata de polícia, com uso de uniforme, a ação ostensiva e preventiva são conjuntas.

O que poderíamos então chamar de polícia ostensiva é a polícia de presença, de ostentação, de exibição, enfim aquela que constitui, realmente, a manifestação concreta de que o Estado está presente, em determinado lugar, através de seu preposto, para proteger pessoas e bens e manter a ordem pública.

Pertencer profissionalmente a uma organização policial que tenha esse caráter é exercer na sociedade função delicada, nobre, difícil e — para que negar? — geralmente incompreendida. Se os três primeiros adjetivos usados enaltecem uma organização que tenha aquela finalidade social, necessário se faz um bom preparo profissional para exercê-los com eficiência. Quanto ao último

adjetivo que, aparentemente, a desmerece, o meio de diminuir essa antipatia é fazê-lo limitado somente àquela parte da sociedade, cujo conceito não possa pesar na opinião pública, isto é, daqueles que vivem à margem da lei.

A polícia ostensiva só encontra ambiente favorável se apoiada: de um lado, pela parte sã da sociedade que a prestigia, que nela confia, que a respeita por merecer ela o seu respeito, enfim que não a teme porque vê nela uma organização protetora; por outro lado pela Justiça que nela crê, que a vê como sua, digna de fé, que lhe fiscaliza as atitudes e as aprova, por serem legais.

Infelizmente, havemos de convir, somente agora é que caminhamos para esse escopo. Em nosso Estado, atualmente, a Secretaria da Segurança Pública, através de campanhas educativas de polícia preventiva, por meio de jornais, rádio, televisão, cinema etc. etc., tem procurado criar um ambiente psicológico propício, a fim de que o povo em geral aceite melhor as ações policiais. Na Escola de Polícia de São Paulo e mesmo no Centro de Formação e Aperfeiçoamento da Força Pública,

procura-se, nestes últimos anos, desper-
tar nos policiais de rua, principalmente
naqueles que são encarregados do poli-
ciamento ostensivo — através de pro-
gramas e cursos especializados, conhe-
cimentos profissionais modernos, possi-
bilitando-lhes prestar com maior efici-
ência os seus serviços na manutenção
da ordem e da segurança pública, dan-
do-lhes ao mesmo tempo um melhor
preparo moral, capazes de fazê-les a-
quêle tipo de policial satisfatoriamente
côncio de seus deveres, enfim o ho-
mem cuja presença, longe de incomodar,
tranqüiliza e reconforta; o portador de
uma arma, que sabe ser nunca de agres-
são, mas sempre de proteção ou quando
muito de defesa.

Elabora em êrro aquêle que pensa
ser a boa policia ostensiva a numerosa.
Ela é boa quando é selecionada, ins-
truída e treinada. Aquí repetimos o que
temos afirmado inúmeras vezes nos cur-
sos que temos tido a oportunidade de
ministrar nas diversas escolas da Fôrça
Pública de São Paulo:— "O exemplo
do policial orienta o povo e o discipli-
na sem violência".

As qualidades que são observadas
no policial de rua inglês, francês e
americano do norte, no admirável po-
licia da Real Polícia Montada do Ca-
nadá e as que tivemos a oportunidade
de ver na não menos famosa Guarda
Cívica de nossa querida Fôrça Públi-
ca do passado, não são impossíveis de
ser imitadas ou revividas.

Em todos esses países e mesmo
em nossa capital, o homem do povo
tem dado ao policial ostensivo peque-
nos nomes de amizade; o milionário, o
pobre, o velho, o moço, a criança, en-
fim todos o saúdam com intimidade.

Isso, no entanto, não impede que
êsse simples executante, com um gesto
de braço, interrompa o tráfego de uma
importante via pública para fazer atra-
vessar uma criança ou uma velhinha
ou, ainda, para prender um ébrio ou
um contraventor, sendo certo que na-
queles países ao contrário do que acon-
tece aquí, ninguém aparece para per-
turbá-lo, para criticá-lo ou a gritar co-
mo estamos acostumados a ouvir em
nossas vias públicas: — "não pode",
"larga" ou coisa semelhante.

No Canadá, por exemplo, vemos
uma provincia tôda ter sua segurança
garantida por dois ou três guardas
montados.

Nos Estados Unidos da América
do Norte, em qualquer de suas cidades
ou Estados, um policial manda encostar
ao meio fio o automóvel de um milio-
nário faltoso, conduzindo o infrator pe-
rante o juiz que o multará, sem que o
ameacem e o intimidem, conforme es-
tamos habituados a vêr em nossa capi-
tal, quanto, muitas vêzes, indivíduos
de honestidade duvidosa ou figurões da
alta sociedade ou políticos prepotentes
gritam para o policial:— "sabe com
quem está falando?", — "vou pô-lo no
olho da rua".

A cortezia, o bom humor e a efi-
ciência profissional dos policiais das or-
ganizações por nós citadas é que fá-los
procurados por turistas estrangeiros e
estimados e admirados pelos nacionais,
transpondo a sua fama as fronteiras
dos países a que pertencem; daí a tão
sólida tradição de bem-querença e res-
peitabilidade de que gozam no seio da
sociedade, por cuja segurança e tran-
qüilidade são responsáveis.

Essa bem querença popular, para o
homem uniformizado, encarregado da
manutenção da ordem e segurança pú-

blica, representa um conforto dentro do qual um policial pode agir com segurança, serenidade e eficiência.

A nosso vêr esses são os elementos básicos sociais dentro dos quais — e só dentro deles — pode existir policia ostensiva digna dêsse nome.

Como vimos “o prestígio, portanto, de uma policia ostensiva gravita em redor de dois polos: a confiança que tem o povo em cada um de seus componentes, isoladamente, e no apoio que lhe dão aquêles que têm por função distribuir Justiça”, sendo no entanto preciso que ela, policia, tenha junto de ambos o seu prestígio formado.

Observemos um policial de rua, à distância. Para que ele imponha respeito, para que ele seja em realidade um símbolo de ordem, para que sua presença seja um freio e um aviso, é necessário tenha êle aspecto físico compatível com a função que exerce, uma atitude serena e pausada, movimentos tranqüilos, embora sinta a sua atenção volvida para a área em que trabalha; que tenha êle o seu uniforme limpo e correto, enfim que seja uma pessoa fisicamente tratada. Se nos aproximarmos dêle e lhe dirigirmos a palavra, esp ramos que nos dê atenção, que seja cortez, que nos possa dar a informação que precisamos, ou o auxilio de que carecemos. O policial de rua, conforme já o dissemos, é um símbolo e, como tal, precisa ter certa imponência em sua aparência exterior.

Não se pode negar a influência psicológica, junto às massas, da maneira de se apresentar e dar maneira de falar. “O homem do povo respeitará alguém em que êle sinta alguma superioridade pessoal ou intelectual e amará-o legalmente na função que exerce, sabendo-a exercer”.

Para que se possa ter uma policia ostensiva digna é necessário seleção, conforme já tivemos a oportunidade de dizer, porém como fator preponderante aparecem as condições psíquicas dos policiais. Repetimos aqui — somente temperamentos sujeitos a auto-controle devem ser aproveitados. Não podem e não devem ser policiais os exasperados, os impulsivos, os temperamentais, os recalcados, os deprimidos, os tímidos, os irresolutos e toda essa coorte de fronteiriços, esquizóides e personalidades psicopáticas diversas, que afluem, candidata a todos os emprêgos.

Constituem perigo pontencial os portadores de complexos de violência, de cobiça e de culpa. Nas mais diversas atribuições policiais, certamente vão exteriorizá-los para dar vazão a seus sentimentos reprimidos.

Nas mais famosas polícias uniformizadas do mundo a seleção psíquica vem sendo feita já há alguns anos, destacando-se a famosa Escola de Policia Britânica, que a faz desde 1907; daí explica-se a fama universal da eficiência e cortezia dos policiais londrinos.

A nosso ver, escolhido o material humano, ter-se-á apenas a matéria prima útil, mas ainda não utilizável. Uma longa e dolorosa experiência, em todos os países do mundo, através de todos os tempos, tem demonstrado o quanto é errado, senão criminoso, o critério dos policiais improvisados. Somos de opinião que não se deve ter pressa em fazer uniformes e distribuir equipamento e armamento. Que não se tenha pressa em fazer número, mas que se tenha cuidado em fazer qualidade. Eis aí o lema que tem seguido a gloriosa Força Pública de São Paulo, nestes últimos anos e que a nosso ver deverá ser imitado pelas demais organizações policiais dos Estados do Brasil.

ANGOR PECTORIS

(INDOLOR)

Dr. Oscar Abranches

O angôr apresenta-se comumente, com características sintomáticas que saltam à vista do observador clínico e, dessa maneira, não há dificuldade em diagnósticar, que está em presença dum síndrome anginoso. O interessante em tal assunto médico é dizer algo a respeito dessa forma do angôr pectoris, a analgésica.

Em princípios de janeiro do corrente ano, penetrou em meu consultório particular um jovem de 29 anos de idade, com as mãos espalmadas na região precordial, pálido, solicitando socorro imediato, em virtude de sentir uma sensação de angústia que o apavorava, com dormência do braço e ante-braço (lado esquerdo). A aplicação imediata duma injeção endoflébica de teofilina conjurou o perigo de vida, a que esteve exposto o paciente.

O exame médico clínico a que foi submetido deduziu o sintoma anginoso de que era portador, pois apresentou à ausculta do aparelho circulatório clangor da 2.^a bulha no foco aórtico e só-pro sistólico no foco mitral, ++, macio, não sendo hipertenso. O aparelho respiratório revelou *sinais de estase nas bases pulmonares* e o diagnóstico clínico, ficou estabelecido:— aortite, insuficiência mitral e dissistolia. A telerradiografia identificou a dilatação da aorta, hipertrofia ventricular esquerda e o eletrocardiograma, feito posteriormente, revelou onda T coronária. As reações sorológicas de lues deram resultado negativo.

Diversos fatores estarão aqui em jogo, para delinear a etiologia desse síndrome anginoso, na sua forma parastésica: a) arterioesclerose; b) lues;

c) reumatismo; d) periarterite nodosa etc..

O enfermo, objeto desse assunto médico, pertence àquêles indivíduos que, ao fazerem referência a enfermidades, afirmam não acometimento em diversas fases de sua vida, a não ser gripes benignas e seus antecedentes sempre gozaram saúde.

A idade desse jovem, a negatividade a respeito de moléstias, a normalidade de suas reações sorológicas de lues, deduziram ser o paciente um reumático, conforme terapêutica específica a que foi testado, em virtude do só-pro sistólico de que era portador. Com referência à idade, temos mais essa assertiva, onde na maturidade predominam: a) formas endocárdicas; b) formas luéticas; c) sífilis adquirida; d) formas esclerosas; e) vícios congênitos.

A crise de angina muda de que foi acometido o cidadão em apreço, naturalmente, deve-se ao desequilíbrio hemodinâmico, produzido pela insuficiência valvular da mitral.

Há controvérsia a respeito da causa da dôr anginosa: se produzida pelo espasmo da artéria, originada pela falta de oxigênio ou se há excesso de ácido láctico etc.

A ausência do sintoma dor nesse indivíduo de 29 anos de idade deve-se, como já ficou dito, ao desequilíbrio hemodinâmico, em face dos sinais de descompensação congestiva, encontrando-se o miocárdio desse paciente, em estado de sofrimento.

A finalidade desta sumária contribuição médica, foi pôr em relevo, esse caso de angor pectoris, em sua forma parastésica.

PROBLEMAS POLÍCIAS-MILITARES

(Discurso proferido pelo ten. cel Orlando Xavier Pombo, da P.M. do Paraná, por ocasião de recente visita do secretário do Interior e Justiça daquele Estado ao quartel da corporação, em Curitiba)

A visita de V. Excia ao antigo Regimento de Segurança tem, para os milicianos do Paraná, grata significação. Ela nos dá o conforto moral ardentemente desejado e nos faz supor ser do interesse de V. Excia. fazer uma tomada de contacto com os nossos inadiáveis problemas para, melhor conhecendo-os, dar-lhes satisfatória solução.

Entretanto, Excia., a corporação que imortalizou Gualberto e Dulcídio, honrada com a sua presença e reconhecendo em V. Excia. uma das figuras de maior relêvo da politica estadual, não irá apresentar — como cartão de boas-vindas — uma lista de reivindicações. Absolutamente, não!

Não iremos fazer desfilar, perante V. Excia., o cortejo dos policiais incompreendidos, desarvorados e combatidos, cujo interesse maior é travar, desassombadamente, a luta diuturna contra o crime, para manter bem viva a chama sagrada das nossas tradições centenárias.

Não iremos trazer, perante V. Excia., o patrulheiro solitário das noites curitibanas, herói anônimo a proteger o repouso do povo, mas cujo

estômago faminto nunca sabe o que seja comer até fartar-se ou, como já o disse Van Loon: "fartar-se pela metade!"

Não iremos, Excia., fazer nesta oportunidade, um retrospecto das falhas existentes no organismo policial do Estado, responsáveis pela transformação do mantenedor da ordem, nesse JUDEU ERRANTE cuja sina é percorrer o hinterland paranaense, sem rumo certo, sem missão definida e sem garantia de estabilidade, — moderno Ahasverus perdido no intrincado sistema policial do nosso Estado.

Não, Excia.

Não é oportuno e não é do protocolo, na sua primeira visita como secretário de Estado, apresentarmos o nosso ponto de vista, sobre as razões porque o nosso Estado, apesar de manter tantos organismos policiais em atividade, ainda assim apresenta enorme índice de criminalidade.

Seria a quebra do cerimonial; seria a fuga à rotina e aos tradicionais costumes, se, ao invés de apresentarmos a nossa gratidão pela honra recebida com a visita de V. Excia. passássemos a solicitar um pouco de aten-

ção para os nossos inadiáveis problemas, que são, em última análise, problemas do próprio Estado do Paraná.

TRABALHO

Temos, contudo, esperança na ação de V. Excia., à frente da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Justiça. Esperamos merecer sua carinhosa atenção para esta centenária milícia, sequiosa de merecer sua confiança e conquistar e manter a honra profissional, pelo trabalho sadio em favor da coletividade. Pois nada mais pleiteamos, além de trabalho. Mas trabalho consciente, com **AUTORIDADE**, para podermos assumir, de fato e de direito, a responsabilidade pelo policiamento do Estado.

A Polícia Militar, Excia., tem um nome e uma tradição a zelar, a honrar, a manter perene em plano elevado, no conceito do povo e das autoridades constituídas.

Não importam, Excia., os atos e os ensinamentos dos fracos de espírito, em cujos corações não palpitam os elevados anseios de quantos lutam pelo engrandecimento da corporação, pois vivendo afastados do convívio diuturno da caserna, deixam-se enlevar por vãs e efêmeras honrarias e vão servindo, consciente ou inconscientemente, por má fé ou comodismo, para o descrédito da milícia de tão caras e tão gloriosas tradições.

Não importa, áxcia., o que possam pensar e o que possam fazer, os inválidos de brio, apóstatas da profissão abraçada, que acumpliciados com os inimigos da ordem, deturpam as normas que lhes impõe o **DEVER POLICIAL**, como se a **JUSTIÇA** pudesse

— **NUNCA** — ser pesada e medida pelo gabarito das injunções politico-partidárias e do imediatismo venal e interesseiro.

Não, Excia.

RECUPERAÇÃO

A Polícia Militar está interessada num afamoso trabalho de recuperação. De recuperação moral. De recuperação material. De recuperação profissional.

Oxalá possa o comando concretizar tão nobre anseio.

Mas, para atingir êsse objetivo, não basta apenas receber o apoio decidido e bem intencionado de todos os milicianos. É mistér, antes e acima de tudo, a compreensão, o estímulo, o apoio moral e material dos homens responsáveis pelo govêrno do nosso Estado.

Sem êsse interêsse, sem esse indispensável apoio, serão nulos os seus melhores esforços. Pois não haverá disciplina. Não haverá harmonia. Não haverá ordem.

E não precisamos manter um Estado policial, do tipo preconizado por Rousseau, para reconhecermos a fatal derrocada da vida social, se não houver ordem; se não houver harmonia; se não houver disciplina. Porque só baseada nesses três princípios fundamentais, poderá a vida social dar ao homem a ambicionada felicidade.

AUTORIDADE

"E não haverá ordem; não haverá harmonia; não haverá disciplina" onde não houver uma **AUTORIDADE** legítima e forte. Pois quando falta essa autoridade, desaparece a unidade; há a fragmentação; a multiplicidade de vontades; a **DESORGANIZAÇÃO**. Desde o grupo social mais elementar — a família — até o clube, a cidade, o

país, todos necessitam de uma cabeça de uma autoridade. E quando esta, por qualquer motivo, falha ou enfraquece, o resultado é imediato: DESORDEN!"

E por assim entendermos a vida em sociedade e por sabermos que POLÍCIA não é emprêgo nem sinecura, mas profissão tôda cheia de abnegação e altruísmo nós sentimos o quanto pode representar a presença de V. Excia. nesta escola cívica, para o futuro da nossa corporação, para o prestígio da nossa AUTORIDADE POLICIAL-MILITAR.

E se insistimos nesse ponto-de-vida, chamando para êle a atenção de cargos administrativos, é porque sabemos quanto V. Excia. tem-se batido, quer no exercício de cargos administrativos, quer na Assembléia Legislativa, pelo intransigente respeito à lei e às autoridades legalmente constituídas.

Vemos ainda, volvendo o olhar para o pasado, as atividades de V. Excia. na Prefeitura Municipal de Guarapuaça, estribado no princípio da autoridade, oferecer aos homens de nossa terra uma autêntica aula de probidade, de civismo e de capacidade administrativa.

A própria nomeação de V. Excia. para aquele cargo, tendo partido, como partiu, do inolvidável MANOEL RIBAS, basta para atestar que o saudoso homem público reconhecia em V. Excia., além das qualidades próprias ao administrador probo e dinâmico, essa outra virtude sem a qual os seus melhores esforços fracassariam.

E mesmo quando, no exercício de cargo de deputado estadual durante mais de 10 anos, pois eleito e reeleito para as legislaturas de 47, 51 e 55, trabalhando em favor de nossa terra e de nossa gente, observamos nos argumen-

tos expedidos por V. Excia. da tribuna livre da Assembléia Legislativa do Estado, o vosso acendrado amor à causa pública, o vosso intransigente respeito à lei e à ordem, o que implica em respeito à AUTORIDADE.

E é esta, a nossa divisa. É esta a nossa reivindicação: Autoridade.

Autoridade para cumprirmos convenientemente o DEVER outorgado às Polícias Militares do Brasil, pela Carta Magna da Nação.

DEVER que foi sendo modificado, alterado, desvirtuado, até chegar ao ponto onde agora nos encontramos: sem RUMO CERTO; sem MISSÃO DEFINIDA; meros PREPARADORES E FORNECEDORES de homens que elementos estranhos à corporação — desconhecedores dos princípios de hierarquia e disciplina — empregam para o cumprimento de missões que NOS COMPETE dirigir e executar com a RESPONSABILIDADE outorgada pela própria Constituição da República.

INVERSAO DE PAPEIS

Atualmente, Excia., a Polícia Militar apenas coopera no setor do policiamento, quando, pelas Constituições Federal e Estadual, é ela a RESPONSÁVEL pela manutenção da ordem, cabendo, implicitamente, às outras polícias porventura existentes, com ela cooperar. Na prática atual, há uma total inversão nos papéis.

Observai, Excia.: ao contrário de outros organismos estatais ou paraestatais, a Polícia Militar não reivindica vantagens, não mendiga honras, não implora regalias. A Polícia Militar reclama TRABALHO. Trabalho na sua expressão mais séria, mais nobre, mais leal e mais justa. Mas, TRABALHO, dentro dos sadios princípios da hierarquia e da disciplina próprios do poli-

cial-militar, — tendo amparado o seu seu ideal nas Cartas Constitucionais da Nação e do Estado.

O Comando geral nos honrou, dando-nos a incumbência de, em seu nome e no de seus comandados, fazer a saudação oficial a V. Excia.

Não estávamos, como não estamos, intelectualmente à altura de bem desempenhar tão difícil tarefa.

No entanto, procuramos suprir as vossas naturais deficiências de inteligência e cultura com o nosso ardor cívico e com o nosso acendrado amor à causa pública, apanágio de todos os bons policiais-militares do Paraná e do Brasil.

Justificamos assim a pobreza do nosso vocabulário, mas afirmamos a V. Excia., que se é verdade que o nosso verbo tropeça e cambaleia a cada instante, não é menos verdade que a RAZÃO dos nossos argumentos caminha sempre em pé, — e tem percorrido as Polícias Militares do Brasil inteiro — sem ter tropeçado nunca, sem nunca ter sido desmentida.

Devemos sepultar nas brumas do passado a lembrança daquele policial que era visto com terror pelo povo, autêntico beleguim fardado, sempre pronto para descer o braço e vibrar o couce d'arma, para satisfazer o brutal sadismo de políticos de fancaria

DEVER DO ESTADO

Inda há pouco, em entrevista mantida com S. Excia. o sr. chefe de Polícia do Estado tivemos oportunidade de entregar-lhe uma exposição de motivos sobre as deficiências do serviço policial no Estado, em cuja justificativa, em seu final, afirmamos:

"Entre as retribuições que o Estado se obriga a dar aos seus cidadãos, a trôco dos impostos que lhes cobra, está a Polícia. Mas não somente a Polícia, Excia., — mas UMA BOA POLÍCIA, que melhor será não a ter, do que tê-la em grande número, mal empregada. Parodiando Montezuma, podemos afirmar que "mais protegido estará o cidadão protegendo-se, do que julgando-se protegido por quem não está na altura de o fazer".

É triste e dolorosa a nossa afirmação, mas, infelizmente, é a verdade em tôda a sua crua nudez.

Devemos afirmar, por questão de justiça, não por deficiência técnica ou ignorância profissional que se não dota o Estado de um serviço policial eficiente. O mal não está no número maior ou menor de elementos encarregados da ação policial. O mal é a falta de harmonia no conjunto. É o malbarato de energias físicas e mentais; é o enorme desgaste provocado ao erário público; é a dispesão inútil de esforços, por falta de um PLANO DIRETRIZ DE SEGURANÇA PÚBLICA.

Já em 1952, em conferência a que tivemos a oportunidade de assistir, na capital da República, o então coronel Nizo Viana afirmava: "Num país como o nosso, onde praticamente nenhuma organização policial é benquista, onde todos se julgam com direitos e privilégios, onde as imunidades se multiplicam, onde se considera uma humilhação ser advertido por um representante da lei, só mesmo uma organização policial muito bem educada, muito bem adestrada, muito consciente, mas muito consciência dos seus deveres, os pode enfrentar".

(Conclui na pagina 33)

MUITA REMINISCÊNCIA...

POUCA SAUDADE

— Major Olimpio de O. Pimentel —

CORRIA o ano de 1912. Na Fôrça Pública a Missão Francesa ministrava instrução militar numa azáfama incandescente como que preparando um exército para iminente guerra. A milícia, armada, equipada e instruída, com aparelhagem moderna, era a sala de visitas da capital bandeirante, a menina dos olhos do govêrno, a coqueluche do munificentíssimo paulistano. A freqüência dos elementos disponíveis para os exercícios matinais atestava o zêlo e interêsse da alta administração do Estado pelo adestramento da centenária corporação. Ser disciplinado, trabalhador e honesto não constituía nenhum favor do miliciano, mas obrigação pura e simples. Tôda a falange de oficiais, instrutores e mestres cuidava diuturnamente do aprimoramento da tropa, cujos efetivos, escudados numa disciplina aceita e consciente, muito contribuíram para o coroamento final dos planos executados, isso em todos os escalões, evidenciando alta compreensão, do que resultava pleno êxito na aprendizagem.

Convem lembrar que em tal época não havia politicagem nos quartéis. Os oficiais não se candidatavam a cargos eletivos, não cabalavam nem barganhavam voto. O exercício do voto era vedado ao sargento. Elementos de reconhecido valor, em todos os tempos, eram os sargentos excelentes instrutores e hábeis monitores.

O primeiro sargento (primeirão, como diziam) desempenhava proeminente papel na companhia: como assessor do capitão, revistava os homens três vêzes por dia, examinando uniforme, armamento, equipamento e, ainda, o aspecto físico. Secretariando a sub-unidade trazia a escrituração perfeitamente em dia. Numa relação mensal de todos os componentes (escala de alterações) registrava o «curriculum» de cada um. O patrimônio constava doutra relação (mapa carga) onde figuravam todos os móveis e utensílios e outros que tais; uma terceira relação (ajûste-de-contas) referia-se ao fardamento recebido e distribuído durante o ano, peça por peça. As folhas de vencimentos (borrão e limpa), grade de rancho, pernoites, pedidos de fardamento, mapa diário, partes

FIDELIDADE DE UM TENENTE

Em 1926 estava em expedição em Fortaleza, dando caça aos «salvadores da pátria», o ten. M.A., oficial tímido e desfrutável, que para afogar as mágoas, numa tarde calma e convidativa dirigiu-se para um conventilho, a fim de visitar uma odalisca sua recém-conhecida e por quem andava embeijado. Aí deu-lhe na idéia escrever à esposa ausente. Pediu papel e tinta. Depois de lamuriar a imensa saudade, a falta de carinhos e outros chorumingos rematou:

«Do teu fiel espôso, M». Neste instante a odalisca que se encontrava atrás, no espaldar da cadeira, não conteve gostosa gargalhada.

UM SARGENTO POTOQUEIRO

João Evangelista da Fonseca, segundo sargento do 3.º batalhão, descendente de conceituada família alagoana, celebrizou-se como contador de histórias, as mais desparatadas. Ficava furibundo quando alguém duvidava das suas narrativas e discorria tão sério que chegava a crer nas próprias balelas. O interessante, porém, era o modo com que terminavam as suas mentiras. Invariavelmente assim concluía: «... e coisa e tal e etc., olha menino, era uma verdadeira calamitosidade».

MAL ENTENDIDO

Quando secretário do batalhão, numa daquelas tardes escaldantes, estando de prontidão e temendo ser atacado à noite pelo inimigo (nuvem de pernalongos), mandei o soldado Netuno Fabri, ordenança da secretaria, fôsse buscar em minha casa um tijolinho de zampironi (substân-

Conclui na pagina 31

de ausência, partes acusatórias, partes de recondução etc. tudo estava afeto ao primeiro sargento. E note-se: nada era impresso, o primeiro tinha que desenhar riscando mapas, preparando escalas, escrevendo a mão (não havia máquina de escrever nem de calcular na companhia) e tudo saía a tempo e hora.

UM PRIMEIRO SARGENTO

ESPIRITA

Obcecado, o sargento B. confiara cegamente no guia. No correr do ano foi interrogado pelo capitão sobre o andamento do ajuste-de-contas, trabalho que o B. havia entregado, cheio de confiança, ao espírito protetor.

— Sargento B. como vai o ajuste de contas?

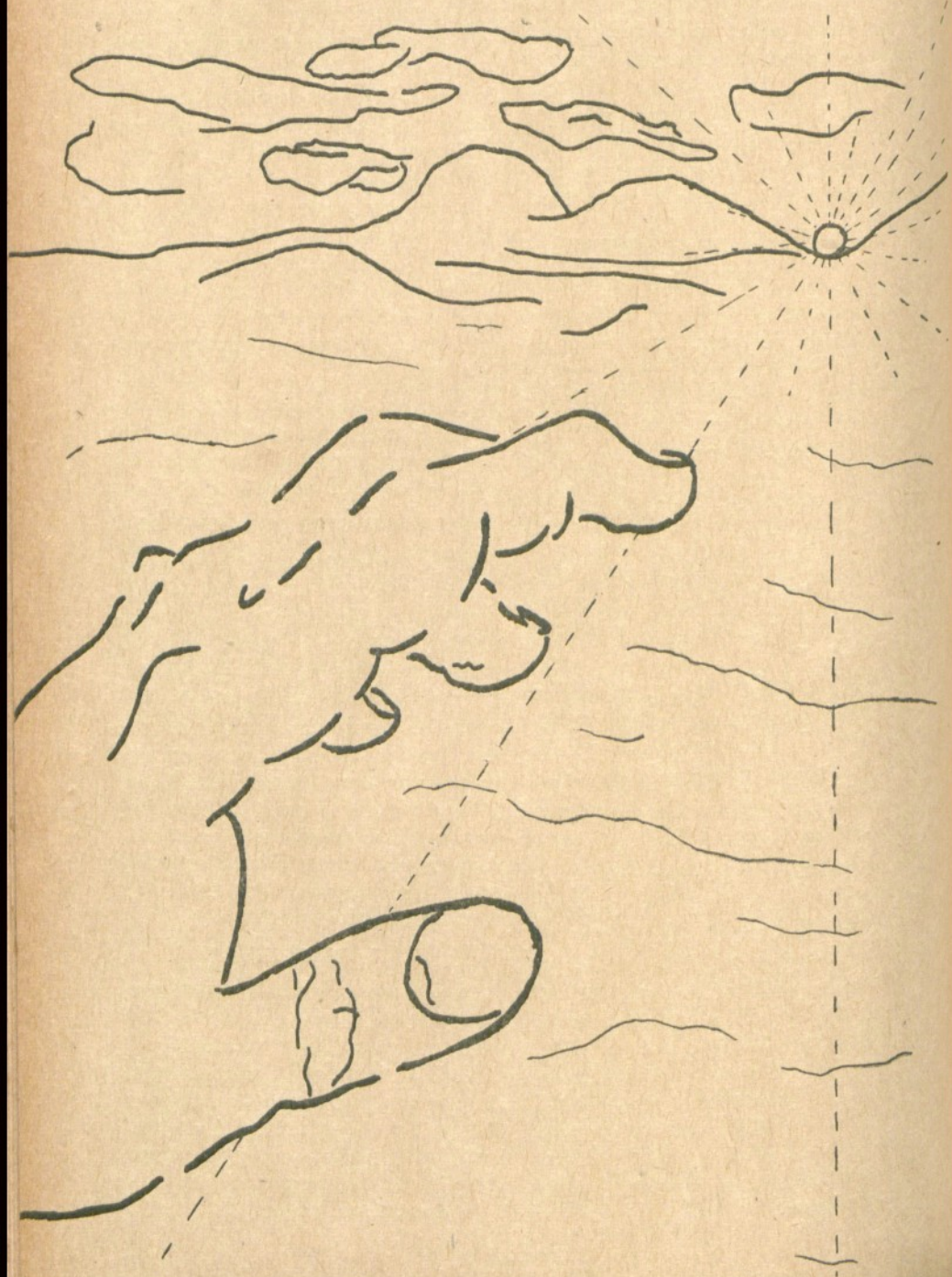
— Sr. capitão, tenha confiança em mim. Na hora exata v.s. o terá em mãos para assiná-lo, prontinho da silva.

Chega o fim do ano. O boletim do batalhão determina a entrega do intrincado e afanoso trabalho no dia 10 de janeiro, impreterivelmente.

— Sargento B. traga-me o ajuste de contas.

— Perfeitamente, sr. capitão.

Corre o bom homem ao armário onde pusera o livrão apenas riscado, tira-o enfaticamente, levando-o ao capitão e quando o abriu estava tal qual o deixara, o espírito o havia logrado, nada tinha feito. Zangado, o cap. comunicou a ocorrência ao comandante. Resultado: o sargento B. preso por 15 dias pela desídia com que se houve e o cap., por 4 dias por não exercer a fiscalização que lhe competia.



Sonho de Poéta

*Era numa expansão tão grande
E não te encontrava...*

*Entre a lúcida luz do amanhecer,
Eu te procurava.*

*Mesmo pequena entre tôdas,
Eu te quis
E tu me fugiste!...
Não sei que mal te fiz.*

*Agora tenho saudades
E não posso vê-la.
O firmamento está lúcido
E não vejo as estrêlas.*

*É melhor fugir nesta manhã calada,
Em busca da pequena que é minha amada
E talvez, pequena, tu não me conheces!
Sou como a flor murcha que não mais floresce.*

*Então , lucidez do espaço que deixaste
Um apaixonado triste;
Deixa-me ver a estrelinha, o meu amor
Que no firmamento existe.*

MÁRIO DA MATA REZENDE

NO MUNDO DAS LETRAS

« LIVRO DE VERSOS »

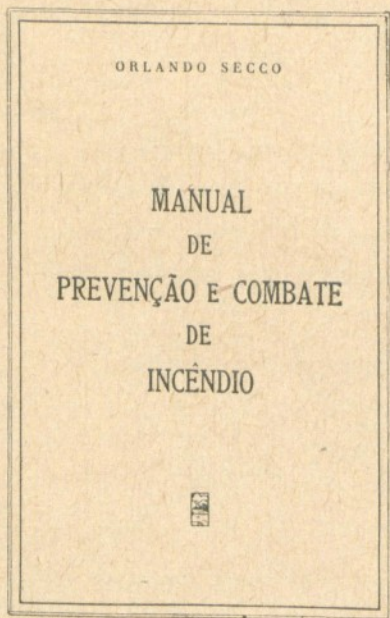


ob o título acima, publicamos no último número de MILITIA, notícia de volume que enfeixa as coletâneas de sonetos e poemas «Brasil, Terra da Promissão» e, «Pérolas e Rubis», de autoria de Ulisses Diniz. Por lamentável lapso de revisão, foi suprimido o nome do autor.

Trata-se de velho amigo de nossa corporação e seu nome nos merece respeito. O soneto «Ao 1.º B.C. da Fôrça Pública» é bem uma amostra de seu interesse pela milícia de Tobias de Aguiar e por seu papel na história brasileira. E é significativo o fato de haver ressaltado particularmente a unidade que hoje leva o nome do fundador da Fôrça Pública, unidade que, desde o episódio de Canudos, vem participando de todos os movimentos armados que abalaram nosso país. Por tudo isso, reiteramos nossos agradecimentos, ao sr. Ulisses Diniz.

PREVENÇÃO E COMBATE A INCÊNDIOS

Uma obra fazia-se necessária em português. Depois de longos anos de estudos, veio a lume, da pena do ten. Orlando Secco: «Manual de Prevenção e Combate de Incêndio», gênero inteiramente novo no Brasil.



Até agora, o público brasileiro não sabe como evitar a destruição de seus bens pelo fogo e, quando há um princípio de incêndio, facilmente dominável, o brasileiro põe as mãos na cabeça, grita, pede socorro, a vizinhança acode, todos falam ao mesmo tempo e atrapalham-se uns aos outros. Muitas vezes aparece alguém que lança um balde de água sobre material elétrico ou gasolina em chamas. Depois de muito tempo, há quem se lembre de chamar os bombeiros, quando já se perdeu um tempo precioso e muita coisa foi destruída. E tudo poderia ser resolvido facilmente, se algum dos presentes tivesse noção de como agir.

Continua na página 32

MUITA REMINISCÊNCIA... (Conclusão)

cia fumegante que afugentava os mosquitos). O Netuno em lá chegando disse à minha mulher: «Seu tenente mandou buscar o cipriano».

UM COMPADRE DE OPINIÃO

Do interior chegou às mãos do alferes Reinaldo, quartel-mestre do 3.º batalhão, carta de seu compadre F., narrando dificuldades financeiras e ao mesmo tempo, pedindo colocação na capital. Respondeu-lhe o alferes que viesse assentar praça na F.P., onde poderia ajudá-lo. Em chegando foi com os demais voluntários à inspeção de saúde. Antes o alferes o havia recomendado ao dr. Ricciotti Alegretti, médico que ia examiná-lo. O esculápio, como de costume, mandou-o despir-se e em seguida ordenou: «Caia de quatro». O suplicante, morto de vergonha, formalizou-se e respondeu-lhe: «Seu dotô, eu só um home pobre, necessitado, mas tenho carate, não quero mais sê sordado». Vestiu-se, foi à presença do compadre Reinaldo, passou-lhe tremenda descompostura e desapareceu.

EVOLUÇÃO DA CONTINÊNCIA

Quando assentei praça a coisa era de amargar. O recruta, como eu, vindo do nordeste, aqui passava por outro flagelo. Faziam-no calçar borceguins ferrados que arrancavam faixas do paralelepípedo, capazes de provocar incêndios; não era permitido recortar o fardamento. O «zunga» tinha de vesti-lo conforme recebia. («A la jegue», como diziam os veteranos); logo na primeira semana de instrução tinha de decorar o nome das altas autoridades do país, do Estado, comando geral, coman-

dantes de corpo, enfim: teste disto, teste daquilo, que o aniquilava, e daí o desejo ardente de voltar à sua terrinha natal, disposto a comer jeringum o resto da vida. As exigências sôbre a continência eram severas e as recomendações dêste jaez: «Fazer continência aos oficiais e praças das forças armadas, aos oficiais e praças da F.P., aos oficiais estrangeiros, enfim: a todos os militares ainda que praças simples.

Recém-chegado a esta capital, com referência a uniforme nada distinguia. Certa vez obteve licença para pernoitar fora do quartel. Munido do respectivo pernoite dirigi-me para rua Álvares de Azevedo, onde se realizava a imponente festa de São Vitto. A rua tôda embandeirada, girândolas, bandas de música, leilão, bom vinho, tudo deslumbrava, era um encanto. No meio de tanta alegria, porém, duas coisas me incomodavam: a garoa friíssima que me enregelava os ossos e o grande número de oficiais cruzando a todo instante por mim o que me obrigava a fazer continência quase sem poder tirar a mão da pala do quepe. Esse fato determinou a resolução de minha retirada daquele logradouro, tão procurado pelos senhores oficiais que ostentavam nos punhos dois, três e mais galões. Ia abandonando o local quando um italiano idoso e barrigudo perguntou-me maliciosamente: «Oh moço, por que você faz continência aos músicos? É novo regulamento? Mediante tal observação, sem lhe dar resposta, safei-me encabulado, monologando a rata que que dera e arguindo a mim mesmo: Matuto besta, por que é você tão burro?

NO MUNDO DAS... (Conclusão)

O ten. Secco, que teve ocasião de observar muitos casos assim, aplicou seus conhecimentos para elaborar o livro, que dá a todos, em linguagem acessível, os ensinamentos indispensáveis. Naquelas páginas, qualquer pessoa aprenderá a prevenir e combater incêndios. As fábricas, estabelecimentos comerciais etc poderão orientar-se pela obra do ten. Secco, na formação de equipes destinadas a lutar contra o fogo. Os bombeiros profissionais, que diariamente enfrentam o fogo e sabem como devem atuar, ali encontrarão também algo de novo, pequenos nada em que acaso não hajam pensado antes. É livro útil para todos.

Cumpre ressaltar aqui que o autor fez seu trabalho por iniciativa própria, na ânsia de preencher uma lacuna. Empregou seus momentos de folga pesquisando, anotando, ordenando e revendo, unicamente para prestar um serviço ao público. Mas terá a melhor das recompensas: o interesse dos leitores, que têm afinal uma obra há tanto esperada.

E ninguém mais indicado que o ten. Secco, velho estudioso do assunto, que serviu dez anos no Corpo de Bombeiros. Durante sete anos, dirigiu a Secção Técnica daquela unidade e acompanhou de perto tudo o que se faz para prevenir incêndios no maior parque Industrial da América Latina. A par da prática profissional, estudou inúmeras obras especializadas que já se editaram em outras línguas. Era, portanto, autor credenciado para uma obra pioneira no Brasil.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

PROMOÇÃO — Quinzenário cultural e noticioso da Editora Promoção, distribuído gratuitamente. Impresso em cores variadas, tem boa apresentação gráfica e assuntos selecionados. A partir do número 8, da segunda quinzena de março findo, melhorou seu papel e a impressão, com capa de Emilia Caccarelli, alusiva à Páscoa. Secções: Cartas, Feminina, Panorama, Artes e Espetáculos, Letras, Arquitetura e Decoração, Recreativa, Humorismo, Esportes, Turismo e Encontro (conto).

ESSEPEVÉ — Órgão bimestral da Diretoria de Rotas Aéreas. O número de janeiro/fevereiro contém tra-

balhos sobre: Liderança (Itamar Rocha), Escola de Aprendizes do Parque de Aeronáutica de São Paulo (M. Aer.), Einstein e Yukawa (A. Eduardo Diniz Schlaepfer) e Selva Amazônica (Elcio Fortes).

CIEN ÁGUILAS — Anuário da Escola Militar General Bernardo O'Higgins, de Santiago do Chile, referente a 1958. Trata-se de revista dirigida pelo major Rubens Rodrigues Duque e fiscalizada por oficiais da Escola, sob a supervisão de sua Secretaria de Estudos. Apresenta grande número de reportagens e trabalhos diversos sobre atividades da Escola, literatura, esportes, instrução militar, vida

social e história militar. Fartamente ilustrada, com belas fotografias e boa feitura gráfica.

PANORAMA — Publicação mensal de Curitiba, dirigida por Oscar Schappe Sobr. e Adolfo Soethe, número de abril. Em reportagem de Jônatas Calmon, faz grave denúncia de fraude na extração de areias monazíticas de Paranaguá, esportadas ilegalmente. Seria mais um grande escândalo dos últimos tempos. Outra reportagem que desperta a curiosidade do leitor mostra uma partida de futebol entre equipes femininas.

REVISTA MILITAR das Forças Armadas do Equador, número 1 de 1959. Contém vários estudos sobre assuntos militares. Ao lado de trabalhos teóricos, apresenta ensaios sobre a técnica a serviço da guerra, a aviação, comunicações etc.. Lemos ainda em "Revista Militar" artigos e respeito de assuntos relacionados com a psicologia. Nêsse campo, o cap. F. Bolivar Lopez Herrmann analisou o pânico provocado pelo boato da invasão da Terra por marcianos, partindo da célebre peça irradiada por Orson Wells em 1938. Outro trabalho que nos chamou a atenção intitula-se "El Servicio de la Policía Militar en las Fuerzas Armadas", de autoria do ten. José Ignacio Murillo León.



PROBLEMAS... (Conclusão)

E para conseguir um **POLÍCIA ÚNICA** com êsse alto padrão de eficiência, o Comando Geral espera poder contar com o apoio decidido e indispensável de V. Excia.

Porque sòmente quando o contrôle dos destacamentos do Interior do Estado estiver nas mãos do Comando Geral; quando o movimento de tropas policiais-militares, estiver sujeito aos estudos e decisões do Estado Maior da corporação; quando fôr dada à Polícia Militar autoridade para organizar e pôr em execução o **PLANO DE POLICIAMENTO OSTENSIVO (PREVENTIVO-REPRESSIVO) DA CAPITAL E DO INTERIOR DO ESTADO**; quando passar para a sua direta subordinação, tôda essa variada gama de

corporações policiais fardadas, — oficiais e oficializadas — existentes pelo Estado, então sim, poderemos dizer que estão sendo cumpridos os dispositivos constitucionais e a **POLÍCIA MILITAR** será, na realidade, a **RESPONSÁVEL** pela manutenção da ordem, pela segurança pública, pela garantia dos direitos individuais, pelo exato cumprimento da lei, pelo respeito ao Poder constituído.

Perdoe-nos, Excia., a maneira como fizemos a nossa saudação. Saudação rude, com a rudeza própria do soldado de polícia. Mas leal como deve ser leal quem enverga a nobre farda miliciana.

Sêde benvindo, Excia., ao quartel da Polícia Militar do Paraná.

A Fôrça à testa da luta contra MAL DE CHAGAS

Soldado contaminado — 119 municípios desinsetizados —
Árdua campanha, com dificuldade de meios



Flagrante colhido na Estação da Luz, por ocasião do desembarque da
tropa que compunha o Agrupamento

Contaminado um miliciano — eis um dos resultados da campanha levada a efeito pela Fôrça Pública em 119 municípios paulistas, em combate à terrível moléstia de Chagas. Em compensação, incrementou-se no povo o temor pela moléstia que, em verdade, se deve temer, fazendo com que fossem criadas Lígas Municipais de Combate à Moléstia de Chagas, que doravante continuarão o trabalho executado pelo Agrupamento de

Combate à Moléstia de Chagas ..
SACRIFÍCIO DE UM MILICIANO

José Severiano, soldado de nossa milícia, quando no exercício de seus afazeres como componente do A.C. M.C., foi picado pelo «barbeiro» (inseto transmissor), contraindo o mal. Ficou, assim, incapacitado para os misteres policiais militares e depende de lei da Assembléia Legislativa, sua promoção a cabo.

O Agrupamento de Combate à Moléstia de Chagas foi um órgão do C.E.C.M.C., comandado pelo major Correia, promovido a tenente coronel logo após o início da campanha.

Com destino a São José do Rio Preto, o A.C.M.C. partiu de São Paulo em fevereiro de 1958, composto de seu comandante, mais nove oficiais e oitenta praças. De início, o ten. cel. Correia proferiu nos trincompatíveis com seu estado de saúde.

Muito ao contrário do que o povo geralmente pensa sobre o mal, este não se apresenta em forma de chagas, úlceras, fistulas, e sim internamente, atacando o coração. Tem o nome de mal de Chagas, em homenagem ao médico patricio Carlos Chagas.

Transmite-se pelo «barbeiro», inseto hemíptero («Triatoma infestans»), que picando animais portadores do vírus «Trepanosoma crucis» — tais como tatu, galinha, gato, macaco — se contamina e, após contaminado, transmite o vírus ao homem, por intermédio das fezes que deposita concomitantemente com a picada. Quem sente a picada coça-se, levando com esse ato as fezes para os orifícios da picada, por onde entra o vírus, para ir alojar-se no coração.

A LUTA

Por decreto do governo estadual, foi criada a Comissão Especial de Combate à Moléstia de Chagas (C.E.C.M.C.), da qual fazia parte o então major Paulo de Andrade Correia. A Comissão foi criada com o fim de combater o mal que, no Estado de São Paulo, se acha presente em todo o seu território, com

exceção do vale do Paraíba e litoral. ta e sete municípios que constituem a região de Votuporanga conferências educativas sobre o mal de Chagas. Após, foi a região dividida em setores, compreendendo vários municípios cada, cabendo a cada oficial um setor. No setor comandado por oficial, eram organizadas equipes mistas de milicianos e civis do Serviço de Profilaxia da Malária, equipes essas distribuídas aos municípios que compunha o setor.

MEIOS

Pelo decreto que criou a Comissão, a campanha contaria com 40 viaturas automíveis, o que, entretanto, não sucedeu, pois apenas recebeu duas, havendo então necessidade de se recorrer às Prefeituras dos respectivos municípios.

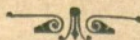
Várias Prefeituras não dispunham de viaturas automíveis e forneciam carroças. Em outras, o serviço de desinsetização teve mesmo que ser feito a pé. Os oficiais comandantes de setores concitavam, pela imprensa falada e escrita, os fazendeiros a fornecerem viaturas, colaborando destarte com a campanha.

Depois de concluído o trabalho na região de Votuporanga, o A.C.M.C. transferiu-se para Araraquara, onde se dividiu em duas falanges, com destino às regiões de Catanduva (39 municípios) e Alta Mogiana, no eixo Ribeirão Preto-Franca (43 municípios), onde se processou o mesmo que na região de Votuporanga: conferências, distribuição de setores, auxílios municipais e particulares.

Nau que atingiu seu pôrto, graças ao empenho do timoneiro e tripulantes, que não mediram esforços para bem cumprir sua missão.



Direção do Major
Francisco V. Fonseca



BAHIA

COMANDO PRÓPRIO

Com a posse do novo governador do Estado, gen. Juracy Magalhães, a Polícia Militar voltou a ser comandada por oficial da própria corporação, recaindo a nomeação no cel. Antônio Medeiros de Azevedo, que assumiu o cargo no dia 8 de abril findo.

A vida profissional do cel. Medeiros de Azevedo tem como traços marcantes haver sido ele o fundador da Escola de Formação de Oficiais e organizador do Regimento Especial de Polícia «2 de Julho», cujo comando exerceu até passar o cargo acima referido.

CASA MILITAR DO NOVO GOVERNADOR

Passaram a constituir a Casa Militar do governador Juracy Maga-

lhães o cel. José Isidro de Souza, chefe; major João Crisóstomo dos Passos Filho, subchefe; cap. Hildebrando Reis de Souza e 1.º te.a. João Damasceno Mansur de Carvalho, ajudantes de ordens.

ASSISTENTE MILITAR DO VICE-GOVERNADOR

Foi nomeado assistente militar do vice-governador do Estado, sr. Orlando Moscoso, o major Antônio Aboim Costa.

ASSISTENCIA MILITAR DO SECRETARIO DA SEGURANÇA PÚBLICA

O cel. Rafael Cincurá, novo secretário da Segurança Pública, nomeou assistente e ajudante de Ordens, no seu Gabinete, o cap. Antônio Roque da Silva e o 1.º ten. Almir Fernandes de Souza, respectivamente.

CHEFE DO GABINETE DO COMANDO GERAL

O cel. Medeiros de Azevedo, comandante geral, escolheu para chefiar o seu Gabinete, o ten. cel. Manoel Cerqueira Cabral, que vinha exercendo as funções de comandante do Colégio Estadual da Polícia Militar (CEPM).

Ao ter de deixar estas funções, o cel. Cabral, primeiro diretor do nóvel estabelecimento, foi a'vo de significativas homenagens da parte dos corpos docente e discente, falando seus representantes, um professor e um aluno, a linguagem do agradecimento cordial pelo muito que o dito oficial realizou no Colégio.

Passou, então a comandar o Colégio, o major Edson Franklin de Queiroz.

DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO

O Governo do Estado baixou decreto criando o Departamento de Instrução, como órgão do Estado Maior do Comando Geral, com atribuições equivalentes às da Diretoria Geral de Ensino do Exército, e abrangendo, em sua ação de planejamento e fiscalização, as unidas de instrução da milícia.

21 DE ABRIL NA PM-BAHIA

O Clube dos Oficiais da Polícia Militar, sob a presidência do cap. Heitor Guimarães Sena Gomes, realizou, neste ano, expressivas solenidades comemorativas do dia 21 de abril, prestando homenagem ao patrono das Polícias Militares — o inolvidável Tiradentes.

Na noite dêsse dia, a sede do Clube reuniu autoridades, associados e pessoas gradas para uma sessão

magna, que foi presidida pelo cel. José Augusto Fernandes, representante do comando geral.

Logo ao início dos trabalhos, foi apresentada' pelo major Edson Franklin de Queiroz u'a moção, aprovada imediatamente por aclamação dos presentes, vasada nestes termos:

«O Clube dos Oficiais da Polícia Militar da Bahia, no ensêjo do transcurso desta data, 21 de abril, que simboliza o ideal patriótico de uma nação altiva e brava, representado na memória do inolvidável alferes de Milícia Joaquim José da Silva Xavier, o TIRADENTES, proto-mártir da Independência e patrono das Polícias Militares brasileiras;

— reitera sua inabalável confiança no govêrno democrático e republicano vigente neste grandioso e extremecido Brasil e síntese dinâmica daquelas aspirações de INDEPENDÊNCIA, LIBERDADE E JUSTIÇA, pelas quais tantos dos nossos irmãos foram imolados — cruelmente imolados — sob as armas de uma tirania que, felizmente, encontrou logo o seu fim com os memoráveis 7 de setembro de 1822 e 2 de julho de 1823, ante o ardor cívico e a bravura indômita dos nacionais amantes de sua terra, nossos venerados ancestrais;

— reafirma a sua disposição de tudo empreender pela confraternização de todos os milicianos brasileiros e pela vitória dos ideais das Polícias Militares do Brasil, mui especialmente aquêles colimados na Carta de Princípios de Campos do Jordão e também projeto da lei básica já em curso no Congresso Nacional, — documento em que, vale

frisar, não pleiteiam favores nem privilégios mas, sobretudo, maior amplitude para suas atividades, significando, por conseguinte, mais trabalho, mais abnegação, mais altruismo, e TUDO PELO POVO E FELA PÁTRIA;

— congratula-se com as alegrias que, hoje, confortam todos os milicianos brasileiros, particularmente os filhos das Alterosas, que têm a justa ufania de ver na constelação dos GRANDES VULTOS NACIONAIS o seu conterrâneo e também seu companheiro de classe, o que a História Pátria lembra com o seu nome em letras de ouro — TIRADENTES».

Em seguida, proferiu brilhante conferência o cap. Antônio Factum Pita, subcomandante da Escola de Formação de Oficiais, na qual salientou com fundamentos históricos irrecusáveis a elevação moral do insigne miliciano, assinalando todos os seus feitos relevantes em prol da causa pública, desde as suas viagens pelo interior em missões especiais até a sua peregrinação cívica levada a efeito com destemor e denôdo e que resultou no sacrifício da própria vida. O Capitão Factum Pita foi bastante aplaudido em toda a sua oração, recebendo justos elogios por outros oradores, como o professor Almeida Gouveia e o cel. José Augusto Fernandes.

CEARÁ

COMEMORANDO O «DIA DAS MILÍCIAS»

Brilhante solenidade teve lugar no quartel da Polícia Militar do Ceará, em Fortaleza, no dia 21 de

abril, em comemoração ao «Dia das Polícias Militares». Destaca as autoridades civis e militares estiveram presentes às solenidades, ocasião em que falaram diversas oficiais, dirigindo-se à oficialidade e à tropa formada no pátio interno daquele quartel.

O major José Silvino da Silva, na mesma ocasião, apresentou importante trabalho, subordinado ao tema «Tiradentes e as Polícias Militares», a respeito do qual daremos destaque no próximo número.

DISTRITO FEDERAL

PM VAI COMEMORAR
SESQUICENTENÁRIO

Está a Polícia Militar empenhada em comemorar condignamente os seus 150 anos de criação, através de intenso programa, de que fazem parte, além das cerimônias religiosas, que precederão o almoço à imprensa, diversas atividades esportivas e culturais. Foram dirigidos convites às entidades co-irmãs, cujas delegações serão hóspedes da milícia carioca.

ESPÍRITO SANTO

PM NÃO RECEBE HA QUATRO MESES

Informa o próprio Governador

Quando da posse do seu secretário da Fazenda, no mês de fevereiro transato, o governador Carlos Lindemberg focalizou a situação administrativa do Estado, após o governo anterior. Ao se referir às providências e medidas de caráter mo-

realizador, tomadas no que concerne à administração e finanças públicas. salientou que já as havia tomado, para que o Estado possa ter as rendas necessárias ao desempenho das funções do governo, sem aumentos de taxas ou de impostos, porque este sistema, por ser tão simplista, não resolve coisa alguma numa situação como esta.

Mais adiante, observou: «Uma das maiores preocupações nossas, atualmente, ou talvez a maior, é justamente colocar em dia os vencimentos dos servidores públicos: Na Polícia Militar, atrasados de quatro meses; no funcionalismo, este atraso vai de dois a três meses».

GOIÁS

HOMEM DE PULSO

O sr. Vladimir Nogueira, residente no Estado de Goiás, solicita-nos abrigo nesta secção, para as palavras elogiosas que dirige a um capitão da Polícia Militar, o que fazemos com satisfação:

«Trata-se de homem de pulso e fibra, que honra a farda da briosa Polícia Militar do Estado de Goiás. Esse miliciano ilustre e valeroso — a quem não tenho a honra de conhecer — está prestando o maior benefício ao honrado povo goiano, detendo em todos os setores os pistoleiros profissionais e os tenebrosos mandantes de crimes bárbaros e hediondos.

«Desta vez o feitiço virou contra os feiticeiros. Os mandantes já estão nas malhas da Justiça e, finalmente, no julgamento supremo»

abençoado da opinião pública.»

E conclui: «Deus proteja e abençoe o capitão Eduardo Barbosa Neves.»

MINAS GERAIS

EM FESTA O DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO

O DI da Polícia Militar comemorou, na manhã do dia 3 de março último, a passagem de mais um aniversário de criação. O acontecimento contou com a presença de altas autoridades civis e militares, alunos, oficiais e diplomados por aquela unidade escolar da milícia, que obedeceu ao comando do cel. Eurico Pascoal

Fizeram-se representar o prefeito Amintas de Barros, os secretários José Ribeiro Pena e Alvaro Marcilio, os comandantes das guarnições sediadas na capital, acompanhando, pessoalmente, o sr. Celso Machado, diretor da Imprensa Oficial e o chefe da Missão Militar Instrutora do Exército e toda a oficialidade da Polícia Militar em função na capital. Depois das apresentações feitas ao cel. Manoel de Assunção e Souza, comandante geral da Polícia Militar, teve lugar o desfile da tropa, apresentação do estandarte e outros atos. Discursaram o cel. Manoel de Assunção e Souza, que traçou, em rápidas palavras, o sentido histórico da data e alta finalidade educacional do estabelecimento que tem contribuído, de maneira decisiva, para tornar a centenária corporação como uma das mais destacadas do Brasil; e o cel. Eurico Pascoal, comandante do D.I., sobre

a data da instalação dos cursos na
quela casa de ensino. A nota pre-
dominante das festividades foi a
aula inaugural proferida pelo sr.
Tancredo de Almeida Neves, secre-

tário das Finanças do Estado de
Minas Gerais, durante a qual o ilus-
tre político e intelectual mineiro fo-
vivamente aplaudido, abordando te-
mas de alto interesse da atualidade.

PARAÍBA

ANULADO O QUADRO AUXILIAR DA P.M.

Tribunal Federal confirma decisão do Tribunal de Justiça do Estado

Em sessão plenária do dia 18 de abril, o Supremo Tribunal Federal confirmou a decisão do Tribunal de Justiça da Paraíba, anulando, por inconstitucional, a criação do quadro auxiliar de oficiais da Polícia Militar.

Os ministros do Supremo foram chamados a examinar o acórdão do tribunal paraibano, em face do mandado de segurança ali impetrado pelos elementos diretamente atingidos pela medida judicial.

PERNAMBUCO

CIA. DA PM PARA O PALÁCIO DO GOVÉRNO

Determinou o govérno estadual a localização de uma companhia especial com efetivo aproximado de 200 homens (oficiais e praças) da Polícia Militar, no Campo das P.incesas, com equipamento e armamento moderno, e terá a seu cargo as seguintes tarefas: guarda do governador, guarda da Secretaria da Segurança Pública e Fazenda; fiscalização do tráfego no centro da cidade; e inspeção da Casa de Detenção do Recife.

Para abrigar essa companhia, o prédio onde fica a guarda do Palácio está sendo visaoriado e pintado.

PM TEM NOVO COMANDANTE: EXPEDITO SAMPAIO

Cel. do Exército, assumiu comando
fardado de cel. de milícia

Em solenidade realizada no
quartel do Derby, na manhã do dia
8 de abril, assumiu o comando da

PM o cel. de infantaria do EB Ma-
nuel Expedito Sampaio, nomeado
para aquela função pelo governador
do Estado, que, embora não obriga-
do pelo protocolo, compareceu ao
Derby para prestigiar o ato, que
contou ainda com a presença de vá-
rias outras autoridades.

O cel. Ismael de Góis Lima, en-
tregando o comando ao cel. Expedito
Sampaio, disse, entre outras pala-
vras, dirigindo-se ao seu sucessor:

*"A cerimônia, que para nós desta
Corporação, representa um ato de roti-
na tem, contudo, o mérito especial de
infundir no coração de cada um de nós,
a esperança de dias alviçareiros, de
realizações marcantes e desenvolvimento
para a nossa milícia. Felizmente, que
vós já possuis a experiência necessá-
ria na arte de comandar policias mili-
tares. Por sinal, que acabais de deixar
o comando da nossa co-irmã do estado
do Ceará. Em face disso, e sabendo,
todos nós, da vossa conduta à frente
daquêlê cargo, eu e os meus camaradas*

queremos manifestar a nossa confiança na vossa ação diante do comando que ora assumis.

Na verdade, a Polícia Militar de Pernambuco, que a 11 de junho próximo comemorará seu centésimo trigésimo quarto aniversário de criação, se encontra a precisar de um comando enérgico e operoso, capaz de arrancá-la do torpor em que tem vivido nos últimos anos e, sobretudo, de banir, de uma vez por tódas, do seu organismo, essa hidra peniciosa formada pelos ecos da política partidária que insiste, teimosamente, em tragar nossas tradições de disciplina, de bravura e de independência funcional.

Vós estais afeito aos problemas policiais militares que, em todos os quadrantes do Brasil são de natureza idêntica. Por isso, nenhuma das dificuldades que ides enfrentar no comando, vos parecerá estranha. Quanto ao que diz respeito à corporação, posso me comprometer perante vós, sem medo da mínima decepção, que a mesma é alicerçada nas bases da disciplina e do espírito militar, elementos indispensáveis para o bom êxito da vossa missão. Assim sendo, em que pese o crédito de confiança que tendes perante nós da Polícia Militar, formulamos, contudo o nosso apêlo veemente para que nos proporcionis 4 anos de trabalho fecundo, de progresso material e moral.

Sr. cel., a Polícia Militar de Pernambuco, confia em vós. Eu e meus camaradas vos desejamos muitas felicidades!"

O novo comandante da Polícia Militar, por sua vez, teceu considerações em torno do ato e das tarefas a executar, dizendo, entre outras coisas:

"É com especial alegria que assumo o comando geral da Polícia Militar de Pernambuco.

Esta minha satisfação facilmente é explicada, levando-se em conta tratar-se da terceira milícia estadual que tenho a honra de comandar.

Entretanto, não foi sem vacilações que me decidi a aceitar o convite do exmo. sr. governador do Estado, face às pesadas responsabilidades vinculadas ao cargo.

O povo pernambucano, essa gente altiva e viril, espera do govêrno que escolheu para dirigir os seus destinos nêses 4 anos, administração fecunda, justiça, respeito, ordem, tranquilidade etc.

Esta Polícia, como uma das grandes peças componentes da máquina administrativa do Estado, terá que sintonizar o seu esforço coordenadamente, com os demais setores públicos, de forma a servir realmente bem ao povo desta magnífica unidade da Federação Brasileira.

Quem administra ou dirige uma coletividade, deve adotar um processo para sua própria orientação. Há uma definição da arte de bem comandar, que admite dois métodos: o analítico e o sentimental. Analítico é aquêle em que o chefe fundamenta sua decisão, sempre após o estudo isolado de cada uma das questões, à luz exclusiva dos textos de leis, regulamentos ordens etc., sem participação de quaisquer fatores morais.

No processo sentimental, ao contrário do primeiro, os fatores morais e as inclinações do espírito e do coração de dirigente, constituem os elementos primordiais das decisões. Tanto um como outro não me parecem se ajustar bem às conveniências atuais. Preferiremos o analítico-sentimental, onde prevalecerão o direito e a justiça, sem contudo esquecer em parte o aspecto humano dos

O trabalho metódico, persistente e continuado, será o fundamento do meu comando, com objetivos claros de instruir, administrar e disciplinar.

Sei que tudo isto, certamente foi motivo de preocupação dos meus antecessores.

Todavia ou se avança ou se recua. Empregarei os melhores esforços na direção positiva do progresso.

Dirigindo-me de modo especial aos oficiais desta centenária e valorosa milícia, espero, uma cooperação eficiente, pronta e leal, da totalidade dos meus novos e nobres comandados.

Para isto o labor de cada um será certamente proporcional às suas possibilidades intelectuais e físicas

A vida militar exige um denominador comum de todos os seus componentes — a união; sem este sentimento de coesão, não haverá fortaleza e sem força não haverá vitória.

Apelo com veemência a todos os integrantes desta Polícia cujo passado conta com um patrimônio moral de grande significação, que cultivem na alma e no espírito o sentimento de estima fraternal. Para não enfraquecer a força contrutiva e o sentimento coletivo é preciso não deixar que germine no coração do soldado a semente apaixonada de grupos partidários. Só assim florescerá na consciência de todos um sadio sentimento de classe pela causa pública.

Por outro lado o prestígio de cada um, nasce do conceito que a corporação goza no meio social.

Essas idéias explicam a necessidade da fraternidade entre a família miliciana.

Vamos pois, unidos num só bloco, num trabalho produtivo, projetar ainda mais alto o nome desta Polícia Militar, tudo para o bem de Pernambuco e grandeza do Brasil".

Fato registrado, por inédito, foi o cel. Exedito Sampaio ter-se apresentado para a assunção de comando fardado de coronel da Polícia Militar. Sendo coronel do Exército, esta isento de ser comissionado no mais alto posto da milícia pernambucana e, como tal, poderá usar, exclusivamente, o seu uniforme verde-oliva.

Essa deferência, sem dúvida, capitalizará em favor do novo comandante não só as simpatias dos seus comandados, como de tôdas as Polícias Militares do Brasil.

RIO DE JANEIRO

ANIVERSARIOU A PM (124 ANOS)

Presentes o governador Roberto Silveira e outras autoridades, realizaram-se, no dia 14 de abril, os festejos comemorativos do 124º aniversário da PM, no quartel da av. Feliciano Sodré.

O chefe do Executivo foi recebido com as honras militares, passando em revista a tropa que ali se alinhava, após o que foi conduzido ao interior do quartel, onde assistiu a diversas competições esportivas. Terminadas estas, dirigiu-se ao quartel do Comando Geral, onde recebeu significativa homenagem da corporação, com a inauguração do seu retrato no gabinete do comando.

Falou, na ocasião, o cel. Joaquim da Costa Santos, comandante da PM, traduzindo o pensamento da Polícia Militar, naquela cerimônia, e

concluindo por convidar d. Ismélia Silveira, primeira dama do Estado, a descerrar o retrato do governador Roberto Silveira, objeto daquela inauguração.

Fala o governador

Uma grande salva de palmas abafou as ultimas palavras do cel. Costa Santos e logo a seguir, o governador do Estado pronunciou, de improviso uma bela oração ressaltando os altos méritos pessoais técnicos e administrativos do Comando da Polícia Militar a cuja competência e valor entregara o destino da corporação certo de que continuaria com a trajetória brilhante e heróica em defesa das instituições e do Governo. Rememorando, a largos traços, a vida gloriosa da corporação, cuja bandeira se tornou um patrimônio nacional, com o sangue de fluminenses nela impresso, em memoráveis e patrióticas campanhas, declarou-se honrado com a inauguração do seu retrato na sala do comando da Polícia Militar, para cumprir um dos dispositivos estatutários da corporação, pois fizera sentir ao Comando Geral a sua recusa em aceitar a colocação de retratos seus em dependências oficiais, enquanto ocupasse o Palácio do Ingá, como governador do Estado. Aceitara, pois aquela tocante homenagem, como um soldado da lei e para não quebrar as normas tradicionais ali praticadas desde a fundação da Polícia Militar.

A seguir, pediu permissão para reafirmar, naquela brilhante oportunidade, o seu propósito de equilibrar as finanças do Estado, para depois,

entrar no campo das realizações entre as quais, a Polícia Militar terá o seu apreciável quinhão de auxílios e objetividades. Este ano, afirmou, será de dificuldades ajustas, economias, pois as dividas do Estado ultrapassam a casa dos três bilhões de cruzeiros.

RIO GRANDE DO SUL

REGRESSARAM DOS «STATES»

De regresso dos Estados Unidos, apresentaram-se ao comando da Brigada Militar os 1.ºs tens. Estú Aivorcen e Clóvis Antônio Soares, que foram ao Estado da Georgia a fim de frequentar, na «Provost Marshal General's School», o Curso de Investigação Criminal, que funciona em Fort Gordon, (Exército americano)

Quando daquela apresentação, os referidos oficiais entregaram ao cel. João de Carvalho Carpes, comandante da Brigada, os diplomas que receberam por conclusão do citado curso, ambos com o conceito «superior». E' de se notar e justo ressaltar que na turma em que estiveram os oficiais da EM, só se registraram dois daqueles conceitos e, para honra e satisfação da milícia gaúcha, do Rio Grande e de toda a família policial-militar brasileira, tais conceitos vierem com os oficiais brasileiros.

O curso teve a duração de nove semanas e neste período foram ministradas diversas matérias relacionadas com a investigação criminal, tudo do que mais moderno existe em tal ramo policial.

NOVA TURMA DE DATILOSCOPISTAS

Em cerimônia realizada na tarde do dia 7 de abril, no Quartel General da Brigada Militar, receberam certificados brevês de conclusão do Curso de Identificadores Datiloscopistas, da milícia estadual, mais sete sargentos.

SEMANA «TIRADENTES»

Entrega de Espadins aos Alunos
Oficiais

Entre as várias solenidades que anualmente assinalam a passagem da «semana Tiradentes», avulta a entrega de espadins aos novos cacetes da Brigada Militar.

As 9 horas do dia 21 de abril, no estádio «Gen. Cipriano Pereira», nas Bananeiras, os futuros oficiais brigadianos receberam, das respectivas madrinhas, o espadim «Tiradentes», solenidade que contou com a presença de altas autoridades civis e militares.

O espadim símbolo foi instituído pelo governo estadual, em decreto de 9 de julho de 1956, graças ao entusiasmo dos alunos do Curso de Formação de Oficiais, do Centro de Instrução Militar da Brigada. Foi seu primeiro portador o então aluno oficial Francisco Pereira Neto.

Em cada face da lâmina do Espadim «Tiradentes» estão gravados

ramos de louro, significando a glória. Gravada também está a inscrição latina «PROLEGE VIGILANDA» — de ser dos que abraçam a carreira. Pela vigilância da lei: toda a razão policial-militar.

SERGIPE

PM FESTEJOU SEU 124.º

ANIVERSARIO

Governador Prometeu Quartel

Foi festivamente comemorado na capital sergipana o transecurso do 124.º aniversário da criação da Polícia Militar de Sergipe, que contou de variado programa cívico-esportivo.

O ponto máximo foi a cerimônia realizada no quartel da Polícia, que contou com a presença do governador, de altas autoridades civis e militares, além de grande número de familiares dos oficiais e praças.

Falaram vários oradores, que enalteceram o valor da corporação militar, que vem prestando grande serviço ao Estado. Por último, o chefe do governo sergipano agradeceu as manifestações de apreço e informou que envidará todos os esforços a fim de que seja construído um quartel, condigno com as tradições da Polícia Militar.

Não compete aos governos dar felicidade aos governados e, sim,
a oportunidade de conquistarem, por si mesmos, a felicidade.

(William E. Channing)

Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL E RESERVAS: Cr\$ 1.060.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CAMBIO
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —
COFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIENCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SAO PAULO

Adamantina	Gália	Piraçununga
Aerópôrto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Aracatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibaia	Jaboticabal	Ribeirão Prêto
Avaré	Jau	Rio Claro
Barretos	Jundiaí	Santa Cruz do Rio Parde
Batatais	Lençóis Paulista	Santo Anastácio
Bauru	Limeira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campe
Birigüí	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Caçapava	Novo Horizonte	São José do Rio Prêto
Camplinas	Olimpia	São Simão
Campos do Jordão	Ourinhos	Sorocaba
Casa Branca	Palmital	Taubaté
Catanduva	Penápolis	Tanabi
Dracena	Pinhall	Tietê
Franca	Piracicaba	Tupã
	Pirajui	

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Goiânia — Goiás	Rio de Janeiro — Distrito Federal
Campo Grande — Mato Grosso	Uberlândia — Minas Gerais
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

UM DECÊNIO DE VIDA DO PRESIDIO MILITAR



TEN. JÚLIO PAULO BELICKAS

Exemplo de prisão sem grades — Recuperação pelo trabalho em 20 alqueires de terra — Remuneração: o sôlido — Um lugar para a família — Desertores na maioria

DENTRO de um sistema organizado e padronizado como é essa instituição militar denominada Fôrça Pública, a forma e o local de punção foi sempre problema sério, responsável pelo embaraço administrativo, bem como pela falha recuperação do homem.

Assim, o soldado diligente era levado a cumprir a pena imposta pelo juiz, em celas de suas próprias unidades, muitas vêzes adaptadas, escuras e insalubres ou nas cadeias de suas cidades ou nas casas de detenção, em conjunto com criminosos profissionais, afeitos ao crime, experientes na transmissão de seus predicados negativos aos demais viventes obrigatórios.

Essa situação, na maioria das vêzes, concorria para o aniquilamento total do homem no primeiro caso e perda funcional e militar no segundo; pois o homem, levado a um meio inferior ao seu, a uma educação diferente da sua, era transformado aos poucos em delinqüente profissional.

Sentido o problema sob esse aspecto e analisada a solução sob esse ângulo, ainda como meio de recuperação daquele que muitas vezes foi obrigado a delinquir, mas que pode e quer ser recuperado, foi criado a 21 de abril de 1949 o Presídio Militar «Romão Gomes», prisão sem grades destinada a receber em seu seio essa matéria mal formada da Força Pública para uma lenta recuperação, através de um trabalho digno e sob assistência compatível.

LOCALIZAÇÃO ADEQUADA

Sua localização não poderia ser nem mais feliz nem mais salutar e bela. Postado aos pés da serra da Cantareira, tendo por limites, numa área de cerca de vinte alqueires, as campinas verdejantes do Tremembé de um lado, isolado por outro pela sinuosa estrada da Cantareira e separado do Tucuruvi, Agua Fria e Santa Inês, pelo mar de vegetação do próprio Presídio, pelo quartel do Barro Branco e pelos bosques iniciais do Horto Florestal, e o próprio Presídio um convite para a recuperação e para as belezas naturais da vida.

Funcionando em conjunto, mas bem separado pela distância, ocupa lugar de importância na recuperação do delinqüente a Sub-Secção Correccional do Regimento 9 de julho».

É constituída por um conjunto de celas, destinadas a receber o homem reincidente e aquêle que ainda não esta suficientemente preparado para receber os beneficios do trabalho livre do Barro Branco.

É sua função mostrar ao homem, a situação privilegiada que virá a usufruir posteriormente, quando convenientemente preparado. Ou então fazer-lhe sentir que não deve transgredir o Regimento Interno duas vezes, pois o castigo será o cumprimento restante da pena entre suas paredes, sem o contacto prolongado



Horta do Presídio: uma das dependências da Secção Agrícola. Em primeiro plano, com a mangueira, um dos soldados encarregados da vigilância, o qual dirige o trabalho naquele setor.



Enforcamento de tijolos.

e acalentador de sua mãe, esposa e filhos, sem o toque benfazejo da claridade do dia e sem a esperança de um dia tornar a vestir a farda de sua corporação, pois a luz ali é apenas pressentida e entrevista.



O Comandante do Presídio, sentado em seu gabinete de trabalho, despacha com o 1.º ten. Neumar Nery (ao centro), subcomandante, e secretário da Unidade, asp. Caldeira

CHEGADA DO DELIQUENTE

O homem é apresentado normalmente ao Presídio, acompanhado por escolta e procedente das mais longínquas unidades da Força Pública ou comarcas do interior do Estado. Seu crime não importa. Dessorator do criminoso eventual. Algumas vezes se apresenta mometâneamente revoltado, pois não concorda com a sentença proferida. Fala de seu pai, da esposa e do filho doente, dos problemas e da injustiça do homem. Outras vezes, conformado, reluta em reagir, pois considera-se fadado para as lutas da vida.

É recebido com dignidade e com carinho. Cada qual tem uma dose de compreensão compatível com sua situação de homem e de ser humano.

Após conversa amigável e demorada com o Comando e Sub-Comando é aos poucos colocado a par de sua vida carcerária, daquilo que dele se espera, das providências que po-

derão ser tomadas com respeito aos familiares, das possibilidades de novo julgamento, da assistência jurídica que lhe poderá ser prestada. Em seguida, com a mesma escolta é apresentado à Sub-Secção, onde serão verificados os resultados da palestra mantida.

Findo o estágio de adaptação, que varia de semanas a meses, é reapresentado ao Barro Branco, onde manterá nova palestra com o Comando. São três os objetivos visados: o serviço a que o detento possa melhor se adaptar, a situação da família e o estágio da condenação.

O HOMEM E A FAMÍLIA

De início, concluir-se-á pelo aproveitamento do homem no ramo em que melhor possa produzir. Depois é estudado o problema da família e a possibilidade de mudá-la para casa em terreno do próprio Presídio ou adjacências e, enfim, o grau de julgamento e a possibilidade de se dar



☆
☆ ☆ ☆
VISTA PARCIAL DA SECÇÃO
DE PECUÁRIA



assistência jurídica do próprio Estado, através do Tribunal Militar. Finda a entrevista, o homem é entregue a uma das duas sessões de trabalho existentes: a Agro-Pecuária e a Olaria, ou ainda poderá ser aproveitado na oficina mecânica, na carpintaria ou na sapataria e, conforme o caso, na pocilga. No decorrer do cumprimento da pena, pode passar de um setor para outro, desde que demonstre melhores aptidões para um determinado serviço.

Assim o prêso poderá fabricar tijolos, criar porcos e aves, plantar legumes, ou ainda dedicar-se a carpintaria, a manutenção de máquinas e autos ou ainda a recuperação de calçados. Cada setor tem um chefe responsável, encarregado de verificar a dedicação, a recuperação e o aproveitamento do homem sob seus cuidados. Essa verificação é posteriormente transmitida ao Comando e lançada na pasta individual do prêso, através da qual é acompanhada a

vida carcerária, resultando dessa observação tôdas as conseqüências para a vida futura do recluso.

O TRABALHO

A vida carcerária se inicia às cinco e trinta horas, quando nenhum prêso pode permanecer mais na cama. Prepara-se e prepara também seus instrumentos de trabalho. A partir das sete e trinta horas é conduzido ao local da labuta e lá permanece até as onze horas sob a supervisão do chefe de setor.

Após o almoço reinicia a faina que se prolonga até às dezesseis horas, quando é procedida uma revista para verificação de presença e recebimento de ordens para o dia seguinte. A principal finalidade desse trabalho é manter o homem ocupado, sem que o fruto redundará em benefício dêle próprio e dos demais. Terá ele maior comodidade, maior senso de disciplina e sentirá menos a falta de liberdade.

O horário de trabalho é previamente estabelecido e varia em certos períodos de sua vida, de acordo com as necessidades do serviço e da observação ministrada. Assim turmas iniciam a tarefa em certos dias às quatro e trinta horas da madrugada, deixando-o às catorze horas. A remuneração é feita através do sôlido, não como prêso obrigado a executar uma tarefa, mas como soldado componente da Fôrça Pública. O conceito obtido através da verificação do trabalho, da disciplina, da apresentação, bem como as reações anormais do recluso, são registradas na «pasta individual» do presidiário, pasta essa que servirá para julgar o homem, que dirá sobre seu aproveitamento e sua tendência para outro ramo da atividade humana, que não a militar. Assim êle poderá inclusive ser encaminhado para a vida civil, com grande possibilidade de sucesso.

RECREAÇÃO E FAMILIA

Analisado o trabalho presidiário passaremos às modalidades de recreação. A existência de uma biblioteca possibilita ao prêso o entretenimento noturno através da leitura. Para os que não gostam de ler e preferem outra forma de divertimento, funciona em horário pré-estabelecido um aparelho de televisão. As competições futebolísticas dos sábados, mantêm o recluso durante a semana sob constante expectativa. O Deus-Futebol é cultuado no Presídio com tôdas as honras de Deus soberano. Ao lado do futebol, têm o prêso direito ao convívio normal da familia, nas tardes dos domingos. Assim, a partir das doze horas, as esposas e os filhos, longamente es-

perados durante os seis dias, são recebidos agora pelo esposo e pai, dispendo o mesmo de cinco horas para dar vazão aos seus sentimentos e às suas saudades. Quem negará que êsse tratamento não tornará o homem melhor, mais humano e mais capacitado a readquirir a confiança em si e nos homens? Quem negará que submetido a essa situação não sinta mais fortemente na própria carne, o arrependimento do delito praticado e a perda da liberdade?

Na segunda-feira enfrentará o trabalho um pouco melhor do que na semana finda, e assim o fará durante várias semanas, até o fim do cumprimento da pena. Dêsse convívio dominical resultará para o Comando e Administração do Presídio uma série de problemas a serem tratados e possivelmente resolvidos, bem como resultará dêsse convívio a satisfação do prêso, de saber através da esposa e do filho que seus problemas da semana já foram solucionados.

Ainda como integrante da Fôrça Pública, participa da olimpíada anual, organizada pela Escola de Educação Física. Fator psicológico importante êsse, que o reintegra no convívio dos demais colegas, mesmo que por instantes, levando-o a competir em idênticas condições com os demais atletas, fazendo jus aos mesmos prêmios e triunfos.

DESERTORES NA MAIORIA

Pouco mais da metade dessa população carcerária é constituída por desertores. E o homem que abandonou a farda atabalhoadamente em busca de melhores vencimentos ou momentaneamente transtornado por

uma situação de família ou doença, permanecendo então, maior tempo que o permitido pelos regulamentos, em localidades do interior do Estado. Outros, menos de um terço, constituem os que são levados a delinquir em virtude de um impulso momentâneo. Como reação a palavras e atos ou mesmo de agressão física à pessoa de seu semelhante. Os demais se subdividem pelos outros artigos do Código desde o assassino acidental até o ladrão eventual.

Como se nota, a população carcerária é sob todos os títulos excelente. A explicação é fácil. Ela é constituída por homens que já sofreram uma seleção inicial ao entrar para a Força Pública. Portanto, não fazem parte desta população, o homossexual, o toxicômano, o rebelde, tão comuns nas populações de outros presídios. Ele não necessita apelar para a pederastia porque tem o convívio salutar de sua família, família essa que na maioria das vezes reside na própria área do Presídio.

DISCIPLINA E SELEÇÃO

Nunca foi notada a presença de maconha no recinto do Presídio. Não existe a possibilidade de rebelião, porque o próprio interesse do detento determina uma conduta cem por cento militar, afeita à obediência e ao cumprimento da ordem. A continência e a posição de sentido é tão exigida como é em qualquer quartel da Força Pública. É um homem disciplinado por excelência. Por outro lado é bem pequeno o número de reincidentes — menos de um por ano.



Aspecto da criação de suínos.

É bem fácil de concluir o porquê desse baixo número estatístico. O homem só é aproveitado novamente na corporação, caso tenha demonstrado no cumprimento da sentença, vontade de continuar. E o julgamento do Comando é exclusivamente o espelho da «pasta individual» do recluso. Não é reaproveitado aquele que, por sua conduta, não demonstrou interesse pela própria readaptação. Este é induzido a procurar um emprego que esteja de acordo com seu próprio temperamento. Sendo encaminhado para a vida civil da mesma maneira como o seria para a vida militar.

COMBATE AO ALCOOLISMO

O problema da bebida existe e está sendo combatido. É o mais grave e de mais difícil solução. O meio que se tem revelado mais eficaz no combate a esse vício é o de afastar imediatamente o alcoolatra do convívio



ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o insubstituível

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

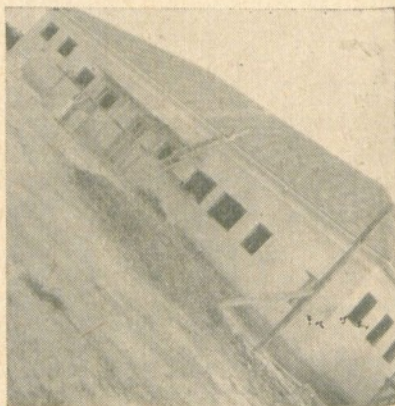
MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

dos demais. colocá-lo isolado na Sub-Secção no mesmo instante que constatada a embriaguês. Mais tarde, após prolongada palestra, o mesmo homem é reconduzido ao convívio dos demais e na mesma situação anterior, só que agora mais vigiado. Caso volte a embriagar-se não mais lhe será dada oportunidade. É recolhido novamente à Sub-Secção, onde aguardará o cumprimento da pena, para em seguida ser excluído.

O problema da fuga também, se bem que exista, é mais raro. Antes de ser-lhe facilitada essa vida semi-livre, ele é suficientemente estudado. Antes de passar pelo processo anteriormente descrito, o Comando já tem nas mãos uma fonte altamente esclarecedora, que é o «assentamento individual». Por êle, é examinada tôda a vida pregressa do apresentando. Todos os elogios e punições sofridas. É fácil saber se o homem é dado ao vício da bebida, à impontualidade, enfim às varias fórmãs de transgressão disciplinar, o que virá certamente influir no cuidado a ser dispensado ao homem. Além do cuidado, o homem terá interêsse em cumprir sua pena nêsse ambiente, não se arriscando a cumprir o restante numa penitenciária. Nesse período de existência, o Presídio registrou fugas. Analisando a vida presidiária através dos números, verificamos que em dez anos passaram



Primeiro edificio do bloco de construções do novo Presídio Militar.

por suas dependências 1.744 detentos, uma base de 174 por ano. Analisando ainda essa população estatística, teremos os seguintes números: soldados desertores — 1 295; cabos desertores — 23; sgts. desertores — 21; soldados, diversos crimes — 331; cabos, diversos crimes — 29; sgts. diversos crimes — 45.

Os frutos dêsse trabalho de readaptação, orientação e transformação são colhidos diariamente, semanalmente, mensalmente, pela Força Pública e pela sociedade. Eles são o resultado de um trabalho honesto e consciente e que diz claramente o muito que ainda pode ser feito em beneficio do homem deliquente.

PELOTÃO DE CHOQUE:

CURSO PARA COMANDANTES

Durante o mês de abril, teve início o 2.º Curso para Comandantes de Pelotão de Choque.

Além das matérias normais do curso — Emprego do Material, Contrôlo de Distúrbios Cíveis e Emprego da Tropa — foram proferidas palestras, entre as quais uma do ten. THEODORO GABETTE, sobre «A Ação de Emergência (Choque) na Fôrça Pública — Conceituação atual de policiamento de Choque.»

Esses cursos, vem despertando grande interêsse entre os tenentes porque trata de difundir idéias trazidas por oficiais que fizeram cursos no exterior. Uma nova concepção de emprego do material e da tropa no contrôlo de distúrbios cíveis, vem criando doutrina, ao mesmo tempo que busca aperfeiçoar e adaptar os processos modernos usados em outros países.

A fim de dar maior ênfase e brilho ao curso, foi convidado a proferir a aula inaugural, o cel. Godofredo Rocha, Chefe da 3.ª Sec. do E.M. da 2.ª Região Militar. Abordou o palpitante tema «A Fôrça Pública como reserva do Exército», com a propriedade de um mestre e com a autoridade de um grande tático em Defesa Territorial.

O cel. Rocha é espirante de 1932, fêz o curso de Comando e E.M., o Curso de Aperfeiçoamento e o curso avançado para oficiais na Escola Blindada dos E.U.A. Além disso foi instrutor, por mais de 7 anos, na Escola de E.M., Chefe da Sec. de Blindados e Diretor Executivo do Ensino. Atualmente, nos honra na cadeira de Defesa Territorial, no C.F.O.

Do que o cel. Rocha disse na aula inaugural, proferida no último dia 13 publicamos o resumo que se segue, onde o autor emite conceitos cuja análise é de intêsse das P.M. de todo o Brasil.

Aula Inaugural do Curso de Pelotão de Choque

A FÔRÇA PÚBLICA COMO RESERVA DO EXÉRCITO

Cel. Godofredo Rocha

Meus senhores,

Distinguiu-me o sr. cel. diretor de Instrução desta tradicional corporação com o honroso convite de lhes dirigir a palavra na aula inaugural do curso que hoje se inicia.

Aceitei-o com prazer, porque, militar que sou inteiramente dedicado a minha profissão, é com satisfação que, sempre que me permitem as minhas limitadas possibilidades, coopero no adestramento daqueles que se preparam para tudo darem em defesa de sua pátria.

Conquanto viver em paz seja justo e merecido anseio de toda a humanidade e apesar dos esforços dispendidos em sua manutenção, ainda não se conseguiu evitar a eclosão das guerras. O velho conceito de que "o fortalecimento do poder militar é a melhor forma de desencorajar as agressões" mantém-se integralmente nos dias de hoje, quando presenciemos o desenvolvimento, contínuo e acelerado, dos arsenais bélicos das grandes potências, em ritmo nunca antes admitidos.

O mundo divide-se hoje em dois grandes blocos antagônicos — o oriente e o ocidente.

O crescimento do poderio militar desses antagonistas atingiu, em ambos os partidos, uma força tal, que opiniões respeitáveis admitem que do equilíbrio existente resulte a reconciliação dos dois sistemas.

Mas, meus senhores, será isso possível, tendo em vista o profundo obstáculo entre a dedicação do mundo livre, a liberdade e felicidade individual e a natureza indiscutível da escravidão comunista?

Nos centros de ensino militar superior de todo o mundo muito se medita sobre a guerra do futuro. Na França, por exemplo, cujo território poderá ser o terreno de aplicação dos engenhos atômicos táticos, os estudiosos militares chegaram à conclusão que um conflito futuro poderá se processar sob uma das três formas seguintes: guerra convencional; guerra atômica; guerra em superfície ou insurrecional.

Com o nome da primeira, que-rem os estudiosos se referir a guerra com os explosivos usados antes do advento das explosões atômicas.

A segunda, como deixa claro o seu nome, aquela em que serão usadas as armas atômicas.

A terceira é aquela fundamentada em conceitos ideológicos, guerra surda, de forma violenta em certas ações limitadas, atentados, insegurança, guerra ingrata para as organizações militares, que não vê o inimigo que tem de combater. Guerra que poderá existir desde o tempo da paz, que poderá ser por si só a própria guerra e poderá ainda ser um elemento paralelo à própria guerra. É a guerra revolucionária, provocada por aqueles que desejam tomar o caminho da agressão, onde e quando possam fazê-lo, sem o risco de uma guerra declarada.

MOBILIZAÇÃO

Mas, meus senhores, qualquer que seja a sua forma, as nações que dela participarem terão que mobilizar os seus recursos.

A mobilização é, em última análise, a transformação e convocação de todos os meios de uma nação para a sua defesa. No campo militar temos a utilização das reservas e dentre elas se destacam as formações para-militares que, pela existência real desde o tempo de paz, se constituem em "material ao pé da obra".

A Força Pública do Estado de São Paulo é, pela Constituição, reserva do Exército e, como tal passará a ser parte integrante das "Forças Terrestres", qualquer que seja a missão que lhe caiba. Dentre elas poderá caber-lhe a mis-

são de, como "Guarda Territorial", vir a constituir-se em um dos elementos das "Forças Territoriais".

E é sob esse aspecto que teceremos algumas considerações. Para uma melhor compreensão, seja-nos permitido recordar alguns pontos da Divisão Territorial.

DIVISÃO TERRITORIAL

Declarada a guerra, surge um "Teatro de Guerra" que é a extensão de terra, mar e ar, que se acha ou pode a vir ser envolvida diretamente pelas operações bélicas. Suas principais sub-divisões são a "Zona do Interior" e os "Teatros de Operações":

A primeira compreende, via de regra, todo o território nacional, com exclusão dos teatros de operações; os segundos abrangem a parte do teatro de guerra onde se desenvolvem as operações militares necessárias ou cumprimento de determinada missão e as atividades administrativas e logísticas correspondentes.

A zona do interior será, pois, o grande fornecedor das energias que alimentarão o combatente. Nela é que se localizam as fábricas, usinas, laboratórios, hospitais, meios de transporte e comunicações etc., além das grandes reservas humanas. Nela é que a nação em armas vai encontrar a massa de recursos, de toda natureza, necessários à destruição das forças inimigas.

Basta isso para que bem se compreenda o interesse do inimigo em perturbar a sua vida, que é a própria nação, o que lhe é facilitado pelo enorme desenvolvimento dos meios de agressão já disponíveis, e observada a

tendência das grandes potências de criar meios ainda mais poderosos, com o fim específico de golpear a zona do interior.

A resposta será evidentemente a criação de um dispositivo defensivo, com a finalidade de impedir, dificultar ou pelo menos reduzir os efeitos da agressão, executando uma série de ações que, em seu conjunto, são denominadas "Defesa Territorial".

FÔRÇAS TERRITORIAIS

As organizações convenientemente preparadas para a execução dessas ações são as "Fôrças Territoriais"; e como a expressão "teritório" envolve todo o espaço geográfico, terrestre, marítimo e aéreo, devem elas compreender, respondendo as diferentes vias de ação do inimigo. Fôrças de terra, mar e ar.

Assim é que as "Fôrças Territoriais" compreendem: Guarda Costeira — elemento naval; Fôrça Aérea da Defesa Aérea — elemento aéreo; Defesa Civil — organização civil de valôr tão considerável que dela disse o renomado e experimentado chefe militar, mal. Montgomery "A administração nacional e a vida econômica de um país dependerão da eficiência da defesa civil".

Finalmente a "Guarda Territorial" da qual um dia poderemos nós ser par-

te integrante. A esta caberá a defesa ativa terrestre.

Mas, meus senhores, defesa contra que espécie de inimigo? O inimigo terrestre, sem dúvida. Como se apresentará êle? Quem é êle?

O inimigo que a guarda territorial terá normalmente que enfrentar não será constituído de grandes efetivos de tropa, com organização regular, instruído e agindo dentro de padrões mais ou menos convencionais. Será um inimigo sutil, por vêzes invisível, atuando ora com extrema violência, destruindo vidas e instalações, ora em conversas murmuradas, destruindo fé e esperanças.

Pederá existir entre nós desde há muito tempo, como poderá ter-se entre nós infiltrado após o eclodir da guerra. Poderá ser só um homem ou uma reunião de muitos. Poderá exigir uma simples ação policial ou um verdadeiro combate.

A ação desses elementos será extremamente variável, podendo compreender busca de informações, propagação e sabotagem sob inúmeras formas.

E se nos recordamos agora do que foi dito há pouco sobre a "guerra insurrecional", a missão da Guarda Territorial atingirá o máximo do desenvolvimento, se esta forma de guerra tiver lugar paralelamente com a guerra pró-

priamente dita Os dias que correm estão cheios de exemplos disso.

A guerra da Indochina, a epopéia de Dien-Bien-Phu, onde o heroísmo do então cel. Castrie e da enfermeira Geneviève simbolizam, mesmo na derrota, o heroísmo de um exército que fez uma guerra militar num ambiente político. Também insurrecional é a campanha surda da Argélia, exigindo contra um reduzido efetivo combatente do inimigo a mobilização de cerca de 500.000 homens de forças regulares.

Eis aí, meus senhores, o inimigo que talvez um dia terão que enfrentar, se a guerra vier a atingir o solo da nossa pátria. Não nos deverá caber a iniciativa do seu desencadeamento. Mas poderemos ser levados, por força das circunstâncias, a dela participar.

Encerrando as minhas palavras, desejo congratular-me com a F.P.E.S.P. e com cada um dos senhores, pelo início de mais um curso, visando aperfeiçoar os briosos oficiais dessa corporação, e desejar-lhes os melhores resultados em seus trabalhos.

- PARA ORIENTAR BOMBEIROS PROFISSIONAIS NOS SERVIÇOS DE PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIOS
- PARA ORIENTAR INDUSTRIAIS E COMERCIANTES NA FORMAÇÃO DE EQUIPES DE COMBATE A INCÊNDIOS

≡ MANUAL ≡
DE PREVENÇÃO E COMBATE
≡ DE INCÊNDIO ≡

— DO 1.º TEN. ORLANDO SECCO —

ÚNICA OBRA EM PORTUGUÊS PARA OS MISTERES ACIMA

PEDIDOS AO AUTOR - QUARTEL GENERAL DA FÓRÇA PÚBLICA
PRAÇA FERNANDO PRESTES, 115 — S. PAULO



Banda de Música da Fôrça Pública

MAIS DE UM SÉCULO DEDICADO À ARTE

Maestro 1.º Ten. Alcides Jácomo Degobi

UM ANTIGO documento registra a criação da Banda de Música da Fôrça Pública a 7 de abril de 1857, com o efetivo de um mestre, com a graduaçõ de 1.º sargento, e 17 músicos.

Na atual rua 11 de Agosto, antiga rua do Quartel, realizavam-se os ensaios de concêrtos que a pequena banda deveria apresentar ao povo, nos Jardins do Palácio, hoje Pátio do Colégio. Aos domingos, ninguém faltava à missa, nem deixava de ir às retretas nos Jardins do Palácio.

Quando anexada ao 1.º Batalhão do antigo Corpo Policial Permanente, depois Brigada Policial, e mais tarde Fôrça Policial, a Banda tinha 50 músicos dirigidos por um inspetor.

Os esforços dos regentes fizeram da Banda de Música um conjunto que se salientava gradativamente.

Em 1891, pelo decreto n.º 17, de 1.º de novembro, o Corpo Policial Permanente foi dividido em quatro corpos. Coube ao 1.º Batalhão a denominação de 1.º Corpo Militar de Policiais, com o efetivo de 725 homes inclusive 25 músicos.

VIADUTO DO CHÁ

No dia 6 de novembro de 1892, ao meio dia e meio, com grande entusiasmo popular e a presença do presidente do Estado Bernardino de Campos, do bispo don Lino e de todo o mundo oficial, ao som da música da Banda do 1.º Corpo de Policiais, inaugurava-se o viaduto do Chá, que ligava o centro da cidade ao novo e próspero bairro do morro do Chá, rua da Palha e largo dos Curros.

MESTRE ANTÃO EM CENA

Na época da revolução federalista do Paraná (1894), o maestro Antão Fernandes, pertencente ao 5.º Batalhão, expôs ao comandante seu plano de conjugar as várias bandas, que constituíam pequenos grupos esparsos, para executar os programas de concertos. Conseguiu interessá-lo e Silva Teles pôs à sua disposição todas as bandas, com o que organizou um conjunto, separando 208 músicos, e deu início aos ensaios no antigo



Fagote, um dos instrumentos característicos da orquestra sinfônica



Naípe de contra-baixo a corda.

Quartel de Linha, como era chamado o da Companhia Fixa do Exército, mais tarde da Polícia.

No dia 15 de novembro, levou a termo o concerto no Pátio do Colégio e o povo paulista aplaudiu com grande entusiasmo aquela festa singular.

Nos princípios de 1889, o sr. Eugênio Egas, grande admirador da Banda, lembrou ao presidente do Estado a conveniência de mandar o mestre Antão à Itália, para ver e ouvir as bandas de música de Roma, Milão, Veneza, etc.. Antão, aprendeu tudo o que necessitava e no seu regresso foi incumbido de organizar a Banda da Força Pública, nos moldes daquelas. Escolheu, então os melhores músicos de cada unidade e dividiu-a em duas seções de 30 homens cada uma.



Naipes de Trombones



Vista parcial da B.M.C. durante um ensaio.

prêmio «A melhor banda da América Latina», a Banda da Fôrça Pública teve oportunidade de provar sua eficiência artística.

Em todos os grandes centros artísticos do mundo, as bandas e fanfarras gosam de imensa popularidade. Aqui sucede o mesmo. E a Banda da Fôrça Pública, de êxito em réio da Manhã e «Biblioteca Municipal» do Distrito Federal.

Nota da Redação. A Banda de Música da Fôrça Pública já existia desde 7 de junho de 1843, embora em caráter particular (V. Militia n.º 28, de maio-junho 1952), tanto que o artigo 5.º da lei n.º 575, de 1857, que a oficializou, reza: «Fica aprovada desde já a banda de música existente no Corpo de Municipais Permanentes.

ros e transpando fronteiras com sua fama.

Vários foram os maestros que contribuíram para a consolidação do conceito da Banda Musical Sinfônica da Fôrça Pública do Estado de São Paulo. Dentre êles destacamos os saudosos cap. Lorena, Salvador Chiarelli, Narciso Giuliano, Joaquim Antão Fernandes, José Machado, e os maestros Antonio Romeu e Antonio Bento da Cunha, ainda contemporâneos.

Atualmente denomina-se Corpo Musical e constitui-se de uma Banda de Música da capital e seis Bandas de Música Regimentais, nos batalhões das principais cidades do interior do Estado, num total de 360 músicos, aproximadamente.

Com os músicos que a constituem na sua maioria professores formados por conservatórios, é de augurar-se um progresso e uma difusão sempre crescentes, que transportarão a plagas distantes o renome tradicional de sua corporação.

Com o lançamento de seu penúltimo «long-play» intitulado «A Banda de Música da Fôrça Pública em Desfile», conquistou ela o expressivo troféu constituído de uma estatueta em bronze da figura de Euterpe, deusa consagrada às artes pela mitologia grega, e o prêmio «Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro», oferecido à melhor Banda de Música em «long-play» de 1958 pelo «Correio da Manhã» e «Biblioteca Municipal» do Distrito Federal.



Naipes de trompas e pistons.



Piano e, ao fundo, os instrumentos de percussão.

Entre 1901 e 1905, o efetivo foi elevado para 90 músicos e o maestro Antão deu ao povo da capital concertos seriados com músicas de Wagner, Weber, Mendelsohn, Rossini, Donizetti, Verdi, além de músicas brasileiras dos nossos mestres consagrados.

A esse tempo só dispúnhamos de concertos em recintos fechados, assim mesmo de piano e instrumentos de corda. Quanto a óperas, só nas temporadas líricas de companhias estrangeiras.

O gramofone fazia sua entrada tímida, com discos ainda imperfeitos, de trechos reduzidos. Foi portanto a Banda da nossa Brigada que iniciou a difusão da chamada música fina, no seio do povo.

SAUDADES DA «BELLE EPOQUE»

Nuto Santana lembra com saudades as paradas das grandes comemorações cívicas, por volta de 1906, no Prado da Moóca, quando os batalhões desfilavam ao ritmo dos dobrados executados pela Banda completa.

Em 1908, por ocasião das comemorações do 1.º centenário da abertura dos portos do Brasil, na Exposição Nacional, ali estava a «Banda de São Paulo» para abrilhantar os certames.

A 7 de Setembro de 1922, comemorando o centenário da nossa independência, Antão reuniu a Banda da Força Pública, a quatro bandas de música do interior, além da banda de clarins da Cavalaria, bandas de corneteiros e tamborilheiros das diversas unidades e, com mais 4.000 escolares e 500 soldados em côro, executou junto ao monumento histórico, em homenagem à data, o Hino Nacional Brasileiro e o belíssimo poema «O Centenário», escrito pelo maestro Savino de Benedictis, a pedido de Antão.

EXITO CONTINUO

Cerca de 1927, como acontecia quase todos os anos, bandas civis e militares iam ao Rio de Janeiro a fim de tomar parte nos concursos organizados pelo Instituto Nacional de Música, para concorrer ao

NO RIO GRANDE DO SUL



Sgt. Peretra

O BRIGADIANO SALVA UMA VIDA

SÃO GABRIEL, R.S., Março (do correspondente) — Em 19 do corrente, nesta cidade, quando o 2.º sgt. PEDRO PEREIRA, do Regimento de Polícia Rural Montada da Brigada Militar, passava por uma artéria de pouco movimento, defronte à casa do sr. João Carlos de Melo, foi por ele solicitado, desesperadamente, a fim de socorrer sua filha que agonizava asfixiada.

Na ânsia de salvar a jovem já quase sem vida, o sargento PEDRO,

num gesto maravilhoso, e numa demonstração inteligente do seu aproveitamento nas instruções ministradas em sua unidade, iniciou a luta contra a morte que queria arrebatá-la mais uma vida.

A pulsação da vítima começava a sumir, o coração ia aos poucos diminuindo suas batidas. Percebendo que a asfixia ia ganhando terreno, o «aba-larga» abriu a boca da garotinha e percebeu que uma quantidade de muco a impedia de respirar. Sem muito pensar, manteve a boca da menina aberta e aproximou a sua. Começou a aspirar o muco e, então o ia cuspidando fora. Uma vez limpa a boca da jovem, o sargento PEDRO PEREIRA continuou a operação, soprando, suavemente, pela garganta da garota, o ar ambien-

te. O peito da menina lentamente recomeçou a levantar e a abaixar, como se tivesse pulmões de gigante, o sgt. PEDRO continuou com sua delicada forma de respiração artificial. Não podia parar de fazer funcionar os pulmões da menina, pois eles estavam desejosos de oxigênio, e cada vez que parava para tomar fôlego, baixava violentamente o peito da agonizante. O sr. Melo, cheio de alegria foi logo notando os resultados da operação daquele providên-

COM INTELIGÊNCIA E DEDICAÇÃO

cial «Aba-larga». Aos pouquinhos, sua filha ia se restabelecendo. Quando o sargento parava para tomar ar, a menina já conseguia, embora com dificuldade, respirar por si só. Mais alguns minutos e o montado começou a diminuir a instensidade do ar dado à garota. Finalmente, por si só, a jovem, com bastante facilidade, retornou a respirar.

No momento supremo, o sargento salvou-a da morte. Quase chorava de alegria. Profundamente reconhecido e agradecido, o sr. Melo viu o ressuscitar de sua filha. A felicidade tornou a invadir o lar.

Colocando seu chapéu de aba-larga na cabeça, o sargento PEDRO PEREIRA foi-se satisfeito com seu trabalho. Cumprira sua missão, pois a missão dos brigadianos não é só prender indesejáveis, mas, principalmente, dar assistência e proteção aos necessitados.

Procurando algo similar na história da humanidade, encontramos que esse método de respiração artificial era muito usado pelas parteiras que auxiliavam da mesma maneira aos recém-nascidos. Caiu, no entanto, em desuso, por volta do século XVIII. Porém, em 1957, foi êle empregado, inconscientemente, pelo americano David Piel, que proporcionou ar e vida a um seu filho que se afogara e estava impossibilitado de respirar.

No mesmo ano de 1957, médicos norte-americanos reunidos em uma convenção em Boston, fizeram uma demonstração da respiração artificial pelo método bôca a bôca. Chegaram à conclusão de ser êste superior, em certos casos, aos métodos convencionais.

Esse método começa a restabelecer-se para, em situações de emergência, salvar vidas que de outro modo poderiam perder-se.

* ||| *

APÊLO ÀS P.M.

Para facilitar nosso serviço e possibilitar uma homenagem às Policias Militares de todo o Brasil, apelamos apressarem a remessa do solicitado em nossa circular n.º 2/59 as co-irmãs dos seguintes Estados: AMAZONAS, MARANHÃO, PIAUI, CEARÁ, RIO GRANDE DO NORTE, ESPÍRITO SANTO, MINAS GERAIS e MATO GROSSO.

A Direção de MILITIA

BOMBEIROS PAULISTAS

ENTRAM

NO 80°. ANO DE EXISTÊNCIA

Comemorações diversas assinalaram a passagem do 79.º aniversário — Homenagem ao herói morto — Homens do fogo competem em demonstrações — Um pouco da história da unidade

79 ANOS de luta conta o Corpo de Bombeiros de São Paulo. Seu aniversário comemorou-se a 10 de março último, com várias solenidades e demonstrações, levadas a efeito no quartel central da unidade, na presença de representante do governador bem como do secretário da Segurança Pública, do cel. Arrisson de Souza Ferraz, comandante geral da corporação, de numerosos oficiais e autoridades civis e militares. Toda a imprensa e o povo desta capital congratulou-se com os soldados do fogo.

HOMENAGEM PÓSTUMA

O Cabo Sebastião Cordeiro Vaz, recentemente falecido em serviço, quando socorria uma vítima de afogamento, foi alvo da homenagem de seus companheiros, já na véspera do aniversário do Corpo. Uma placa em que está gravado seu nome foi colocada solenemente no «quadro dos heróis», na entrada do quartel, ao lado de 12 outros bombeiros que pereceram no cumprimento do dever. Na ocasião,, o ten. Milton Viana fez uso da palavra, para enaltecer as qualidades do homenageado e o nome do cabo Vaz foi inscrito em um novo barco pertencente ao Corpo.

No cemitério do Araça, onde jaz o extinto, um toque de silêncio saudou sua memória, depois de missa na Capela de Santo Expedito, celebrada pelo capelão militar cel. Paulo Aurissol Cavalheiro Freire. Coroa e flores foram depositadas nos túmulos do cabo Vaz e de outros bombeiros ali sepultados.

SOLENIDADES

Em continência à bandeira, todo o efetivo disponível do C.B. perfilou-se às 7.30 horas de 10 de março. Recebida a bandeira pela tropa, foi ela hasteada, de conformidade com os preceitos regulamentares.

ESBOÇO HISTÓRICO

Em seguida, mais um retrato veio acrescentar-se aos constantes da galeria dos comandantes do Corpo: o do último comandante efetivo, cel. Plínio Rolim de Moura. Como última parte da programação, representantes das três zonas do Corpo competiram numa demonstração prática de vários serviços executados comumente. Em seguida, uma delegação de escoteiros do ar prestou continência aos componentes do Corpo, pelo transcurso de seu 79.º aniversário de fundação.

O público teve oportunidade de apreciar a escalada de um prédio de três andares por meio de escadas «crochê», a operação de armar a bomba e saltos em «apara-quedas», na competição promovida entre componentes das três zonas. Sagrou-se vencedora a equipe da 2.ª Zona.

A parte mais importante foi a prova de «bomba armar». Simulou-se um incêndio no 3.º andar de um edifício. O «fogo» foi atacado por meio de uma escada mecânica, em que a linha foi armada, sucessivamente, pelas três equipes. Demonstrando rapidez e segurança na ação, os bombeiros arrancaram aplausos da assistência. Os representantes da 3.ª Zona, que foram desclassificados, tiveram que submeter-se a um banho, como castigo: foram lançados pelos vencedores no tanque existente no pátio do quartel.

PARABENS DA VEREAÇÃO

Na Câmara Municipal de São Paulo, foram aprovados votos de congratulações ao C.B., pela passagem de seu aniversário. Numerosos vereadores assinaram os dois requerimentos apresentados nesse sentido.

Fundado em 10 de março de 1880, o Corpo se resumia, na época, a uma secção de bombeiros, comandada inicialmente pelo alferes José Severino Dias, que deixou o comando três anos depois, substituído interinamente pelo ten. Alfredo José Marques de Araujo, do Corpo de Bombeiros da capital do Império. Exonerado em 1891, onze novos comandantes sucederam-no até 1937, durante a 1.ª República.

Desde a proclamação da República, o Corpo passou por numerosas transformações. Alguns de seus mais antigos componentes ainda recordam as auto-bombas movidas a vapor e com viaturas dotadas de pneumáticos, inovação de princípios do século. Antes os carros eram puxados a tração animal. Cada um dos burros utilizados tinha sua biografia, transmitida através das gerações e convenientemente modificada, adquirindo sempre um sabor novo, de acôrdo com a época.

Atualmente, com seus 800 homens comandados por um tenente-coronel, o Corpo dispõe de recursos técnicos modernos. Recentemente, um teletipo foi instalado na Estação Central, para comunicação direta com os diferentes setores encarregados da segurança da população. Numerosas viaturas, dotadas do material adequado aos fins a que se destinam, fazem parte do patrimônio atual. O «João Feijão» — nome com que foi rebatizado o «John Bean» — é um dos carros modernos adquiridos últimamente, para combate a incêndios.

BOMBEIROS INTERIORANOS

Enquanto a população paulista-na festeja o aniversário do C.B., o interior paulista aplaude a atuação dos homens do fogo que lutam em vários municípios.

Em Bauru, durante um ano e meio, registraram-se quase cem ocorrências atendidas por uma das duas viaturas existentes na cidade para combater incêndios. Desde a fundação do município, Bauru lutava com dificuldades por falta de uma guarnição local de bombeiros. Instalada ela em 1956, a população sentiu-se aliviada. Contando inicialmente com uma só viatura, foi posteriormente dotada de mais uma, em vista das necessidades locais. Pelos serviços já prestados, é a corporação mais estimada pelo povo bauruense. Seu comandante é o ten. Wassimon Pereira Filho.

CAMPINAS: CERCA DE 200 CHAMADOS

193 chamados de socorro registrou em 1958 o Corpo de Bombeiros de Campinas, pertencente à Prefei-

tura local e comandado pelo subten. Daniel Oliva. Os bombeiros daquela cidade extinguiram numerosos incêndios em Águas da Prata, Rio Claro, São João da Boa Vista, Pôrto Ferreira, Serra Negra, Coronel Quito, Limeira, Capivari, Pedreira e Poços de Caldas. Como se vê, chegam a transpôr os limites do Estado, para debelar as chamas. E — o que é importante — 193 foram os chamados atendidos sômente em Campinas.

Em face do crescimento da cidade, pleiteia-se atualmente o aumento do efetivo que, até o presente, é de 43 homens. Por outro lado, pretendem ainda os campineiros a aquisição de grande quantidade de material, para a execução do serviço de seus bombeiros. Presentemente, o Corpo dispõe de uma auto-escada mecânica, quatro auto-bombas, uma camioneta e um carro de passeio, além de escafandros e demais material necessário não só à extinção de incêndios, mas também aos constantes salvamentos para que são chamados.

MILITIA EM NOVA IORQUE

Noosso redator, cap. médico Plirts Nebó, embarcará para os Estados Unidos, a fim de participar do II Congresso Panamericano sôbre Doenças Reumáticas, a realizar-se em Nova Iorque, em junho do corrente ano. Do conclave, fará ampla cobertura para nossa revista.

"TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA" vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Fôrça Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos momentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Fôrça Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interêsse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (*).



Destques da

FORÇA PÚBLICA

As comemorações da Semana Santa, como acontece todos os anos, exigiu da Fôrça Pública o melhor de seus esforços, para assegurar a tranquilidade do público paulista. Distúrbios havidos há tempos em Aparecida do Norte ameaçavam repetir-se naqueles dias, o que teria ocorrido, sem o policiamento intensivo de nossos milicianos. Em princípios de março foram criados novos destacamentos de Rádio-Patrolha nos municípios do A.B.C.. E, a despeito de tôdas as atividades já desenvolvidas, o comando geral da milícia pretende aperfeiçoar nossos serviços profissionais. Assim é que, em abril do corrente ano, funcionou o II Curso de Comandante de Pelotão de Choque, destinado a desenvolver os conhecimentos de tática e técnica modernas entre nossos oficiais, para o contróle racional de distúrbios populares.

APARECIDA: MULTIDÃO EM CALMA

Aparecida do Norte, há tempos, vem sendo palco de arruaças. Servem de pretexto divergências religiosas. Houve mesmo depredações e assaltos de fanáticos, contra reuniões de crentes de determinação do culto religioso. Na Semana Santa, notava-se apreensão por parte de líderes espirituais. Tratando-se de cidade eminentemente religiosa, o policiamento foi intensificado. Imensa multidão se comprimia nos hotéis locais, com más acomodações e pouca higiene. De todo o Estado e de outros pontos do Brasil, acorriam peregrinos. Graças ao policiamento de que nossos homens participaram ativamente, os festejos transcorreram em calma, apesar de tudo.

R.P. no A.B.C.

Santo André, São Bernardo e São Caetano do Sul — os municípios que

compõem o chamado A.B.C. — contam com três novos destacamentos de Rádio-Patrolha, desde a primeira quinzena de março. Além disso, foi criado outro destacamento na vizinha cidade de Guarulhos.

A criação dos destacamentos faz parte do plano de melhor aproveitamento do pessoal e do material de que dispõe a Fôrça Pública no Batalhão de Rádio-Patrolha, racionalizando o serviço e tornando-o cada vez mais útil.

CHOQUE MODERNO (CURSO)

Oficiais que freqüentaram cursos especializados no exterior foram designados para instrutores no II Curso de Comandante de Pelotão de Choque, que funcionou em abril findo.

Em reportagem publicada no número 76, MILITIA ressaltou a importância dos estudos realizados em tais cursos. Sua finalidade é permitir que se controlem os movimentos de rua, racionalmente e sem violências. É o primado da inteligência sobre a força.

O Curso funcionou no Centro de Formação e Aperfeiçoamento — nossa unidade-escola — e contou com a colaboração da Secção de Material Bélico do S.I. e a fiscalização da Diretoria Geral de Instrução. Matricularam-se no curso oficiais de todas as unidades da capital e do interior.

As disciplinas ministradas foram: Contrôl de Distúrbios Cívís, Emprêgo de Material e Emprêgo de Tropa, a cargo do cap. Cálío de Campos Montes e tens. Paulo Wilson de Oliveira Bueno, Cid Benedito Marques e Osvaldo De Sordi.

NA EDILIDADE: HOMENAGEM

PÓSTUMA

Homenagem póstuma ao cel. Otávio Azeredo, recentemente falecido, foi prestada na Câmara Municipal de São Paulo, em princípios de março findo. O vereador José Diniz salientou o papel do morto no movimento de 1932, quando comandou o 4.º Batalhão de Caçadores Paulistas, e saudou-o em nome de seu partido. Representantes de outras bancadas apartearam-no para hipotecar-lhe a solidariedade das respectivas agremiações partidárias.

NOVOS CHEFES

Em princípios de abril do corrente ano, assumiu o cargo de diretor geral de instrução da Fôrça o cel. Milton Marques de Oliveira, ex-chefe da Casa Militar do palácio do governo.

O 1.º B.I. também tem novo comandante: o ten. cel. Brasilino Antunes Proença, oficial detentor de vários cursos em países do novo e do velho mundo. Em Sorocaba, assumiu o comando do 7.º B.C. o ten. cel. Diyo Barsotti. O ten. cel. José Rufino Freire Sobrinho, que vinha comandando o 3.º B.I., assumiu a subchefia do E.M. da Fôrça Pública.

CRUZ AZUL: NOVA DIRETORIA

Em sessão solene levada a efeito em abril foi empossada a nova diretoria da Cruz Azul de São Paulo, eleita para o biênio de 1959/60 e assim constituída: presidente — cel. Mário Lameira de Andrade; vice-pres. — cel. Bento de Barros Ferraz; 1.º secr. — major Mário Timóteo de Oliveira; 2.º secr. — 1.º ten. Juvenal Lopes da Silva; 1.º tes. — cap. Antônio Sampaio; 2.º tes. — 2.º ten. Guilherme de Araujo; almoxarife-provisionador — 1.º ten. Lázaro de Oliveira Galindo. É presidente do Conselho Deliberativo o cel. Manuel Marques Machado.

BOMBEIROS: MAIS UM POSTO EM

SÃO PAULO

Em solenidade levada a efeito no último dia 17 de abril, foi inaugurado mais um posto de bombeiros desta capital. Situado em Vila Prudente, instalou-se em edifício construído pelo Instituto de Resseguros do Brasil, para atender a população daquele e de bairros vizinhos.

Compareceram à cerimônia, além do nosso comandante geral, o presidente do Instituto de Resseguros e o representante da instituição em São Paulo, bem como o comandante do Corpo de Bombeiros, grande número de oficiais e praças da Fôrça Pública e outras autoridades civís e militares.

* * *

≡ TABELA DE PENSÕES ≡

Em 13 de janeiro do corrente ano, o governador do Estado sancionou lei que estabelece novas pensões devidas pela Caixa Beneficente da Fôrça a beneficiários de oficiais e praças falecidos. Assim é que as pensões serão pagas mensalmente de acôrdo com a seguinte tabela:

Coronel	Cr.\$ 13.260,00
Tenente-coronel	» 10.499,00
Major	» 9.660,00
Capitão	» 8.820,00
1.º tenente	» 7.560,00
2.º tenente	» 6.359,00
Aspirante a oficial	» 5.279,00
Subtenente	» 5.279,00
Sargento ajudante	» 4.919,00
1.º sargento	» 4.559,00
2.º sargento	» 4.199,00
3.º sargento	» 3.839,00
Cabo	» 3.119,00
Auspeçada	» 3.000,00
Soldado	» 3.000,00

Mais adiante, estatui aquêlê diploma legal, no § único do art. 4.º: «A contribuição (do Estado, a ser paga em duodécimos mensais) de que trata êste artigo será reajustada bi-anualmente, tendo em vista as reais necessidades da Caixa Beneficente da Fôrça Pública, e será extinta quando se reduzir a quantia inferior a Cr.\$ 500,000,00 anuais.»

INUNDAÇÕES NO LITORAL — Ocorrência trágica do bimestre foi a inundação que assolou várias localidades do litoral paulista. Nossos milicianos mais uma vez foram chamados a intervir. As fotos estampam: em cima, um grupo formado por nossos homens; em baixo, uma das consequência da inundação.





Rebelião no Tibé, próxima conferência de chanceleres das grandes potências e novas agitações no norte da África foram algumas das manchetes de março e abril. Houve desordens na Argentina e mais execuções em Cuba. Eisenhower voltou a falar em guerra como solução para o caso de Berlim. Mas a reunião de ministros do exterior, para maio, é uma esperança de paz. O temor das conseqüências de uma guerra atômica exigem precauções de todos. A luta pacífica pela conquista dos espaços interplanetários continua e mais um planeta artificial foi lançado, desta vez pelos norte-americanos.

NO TETO DO MUNDO

Quebrou-se a paz milenar dos sacerdotes de Buda no Tibé, com a rebelião contra o governo de Pequim. Informações contraditórias chegaram de todos os cantos do mundo. A Embaixada da Índia em Lhasa encarregou-se de transmitir as primeiras notícias e soube-se do desaparecimento do Dalai Lama, deus vivo do Tibé. Pouco depois, a agência Nova China informou que o chefe do governo e líder religioso se achava na Índia. Acusaram-no de proteger os rebeldes e ele foi deposto, sendo substituído pelo Panchem Lama. Balanço presumido: 5 000 mortos.

NA ARGÉLIA: REVOLTA ANUAL

A exemplo do que ocorreu o ano passado, nesta mesma época, prevê-se nova revolta na Argélia. Os líderes de Argel

incitam o povo a pegar em armas. O deputado Ahmed Djebbour declara: "No próximo dia 13 de maio, 200 000 pessoas afirmarão novamente a Argélia francesa". E continua, apontando o que acredita ser a única solução: "vencer a F.L.N. pelas armas. É preciso fuzilar todos os que são causa de nossa infelicidade". Afir-mam os observadores que a capital argelina está voltada contra o governo de De Gaulle.

Anuncia-se ainda uma campanha para conquistar o Exército. O governo de Paris por sua vez, não fica indiferente. Substituições no comando de tropas e transferência de generais fazem parte do trabalho francês de desmantelamento da resistência. Entretanto, há forças que trabalham do lado oposto, contra o domínio francês e os direitistas do país. A despeito da apreensão de jornais e de outras medidas das autoridades francesas, esperam-se montins de rua.

REUNIÃO DE CHANCELERES EM BREVE

Espera-se a realização da propalada reunião de cúpula, depois de conferência de chanceleres, que se pretende realizar em Genebra, no próximo dia 11 de maio, segundo notícias procedentes de Washington. A Grã-Bretanha, França e Estados Unidos, informaram à União Soviética que estão prontos a aceitar uma reunião de cúpula, condicionada a anterior conferência de ministros das Relações Exteriores.

Há um plano ocidental para colocar Berlim sob controle da ONU. A União Soviética, por sua vez, apresenta plano diverso para a unificação da Alemanha, com a retirada de tropas estrangeiras da antiga capital do "Reich". A esse propósito, o presidente Eisenhower prevê a possibilidade de guerra, como solução para a crise.

EMPRÉSTIMOS DE PAÍSES SOCIALISTAS

Divulgou-se, em princípios de abril, uma relação de empréstimos concedidos pela U.R.S.S. e Repúblicas populares a países subdesenvolvidos, principalmente da Ásia e da África, de 1953 a 1958. Espera-se ainda a entrega de grande quantidade de material pelos governos socialistas àquelas nações.

BARRICADAS NA ARGENTINA

Até barricadas foram armadas em Buenos Aires, onde cresce a agitação e o descontentamento popular contra o governo. Na capital da vizinha República, houve prisões, tiroteios e pancadaria entre a polícia e pessoas do povo. Acusam-se como responsáveis pelas desordens, entre outros, remanescentes do peronismo.

Desde princípios de abril do corrente ano, grevistas tiveram que enfrentar violentas represálias do governo. Na fábrica de automóveis "Kaiser", houve graves tumultos, chegando a explodir uma bomba no recinto da escola mantida pela empresa para os filhos dos funcionários norte-americanos. Em consequência, a administração da indústria decidiu suspender 3 000 operários e paralisar as operações de compra de material. O que, segundo informam, acarretará prejuízos a mais de 5 000 trabalhadores.

CUBA: NOVAS EXECUÇÕES

Prosseguindo na operação de "limpeza" da ilha, que pretendem escoimar de todos os criminosos do regime deposto, os rebeldes cubanos já executaram mais de 500 condenados. Ao mesmo tempo, foram demitidos milhares de ex-funcionários do ex-ditador. Circulam rumores de que, entre embaixadores, professores, empregados de Ministérios e servidores municipais, só três três seriam poupados da demissão.



Depois dos folguedos,
alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

Educação física e esportes



≡ Direção do cap. Francisco Antonio Bianco Junior ≡



Flagrantes da aula inaugural. Na foto superior, à esquerda o prof. Ferreira Santos

AULA INAUGURAL DOS CURSOS DA-ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O prof. José Ferreira Santos discorreu sôbre olimpíadas
— Quase meio século tem a Escola — Inaugurações.

Realizou-se às 9,00 horas do dia 9 de março do corrente ano, no Ginásio da Escola de Educação Física, a aula inaugural dos cursos de educação física do presente ano letivo: Instrutores, Monitores e Monitores de Esgrima.

Coincidiu essa data com a gloriosa passagem de mais um aniversário da tradicional Escola de Pedro Dias de Campos, que completou o seu 49.º e que no próximo ano completará seu jubileu de ouro. Estiveram presentes à solenidade: o cel. Arrisson de Souza Ferraz, comandante geral da corporação, comandantes de Corpos e chefes de Serviços, representantes da Polícia Feminina, Guarda Civil, Polícia Militar de Pernambuco, SESI, Associação dos Professores de Educação Física, entidades desportivas, corpo de Alunos Oficiais e Sargentos da Unidade.

Proferiu a aula inaugural o sr. José Ferreira Santos, Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, e Vice-Decano do Comitê Olímpico Internacional que, com a autoridade que possui, fruto dos muitíssimos anos de vida dedicada ao desporto pátrio, deleitou a grande assistência presente.

Discorreu sôbre um tema bastante palpitante, qual seja, "Olimpíadas", sua especialidade máxima, uma vez que, por sua missão, já teve a felicidade de assistir a seis delas. Contentou, assim, o espirito da olimpíada, sua disciplina, sua organização e pormenores interessantíssimos para quem no futuro, orientar classes de jovens para o ideal da Educação Física.

Não caberia numa simples palestra, como acentuou o sr. Ferreira Santos, tudo o que se poderia dizer sôbre o tema. Sintetizou-o finalmente com uma apreciação do que se espera nas Olimpíadas a realizarem-se em Roma, no próximo ano, encerrando-a brilhantemente com o entusiasmo de que é possuidor, transportando o estímulo aos jovens que iniciam hoje a missão de educadores. Após a palestra, sob vibrante salva de palmas, retirou-se o conferencista em companhia do nosso comandante geral, a fim de assistir à inauguração da Secção de Identificação e Gabinete Fotográfico da Escola.

Com as honras que lhe são devidas, o comandante geral encerrou os festejos do dia.



ATIVIDADES ESPORTIVAS NO CLUBE DOS OFICIAIS

ESTÁ em franca atividade a Comissão de Educação Física e Desportos do Clube dos Oficiais da Fôrça, constituída pelo major Ricardo José Colaço França, cap. Francisco Antônio Bianco Junior e tens. Alcione Pinheiro de Castro e Dorian S. Lacerda Guimarães. Abrangendo o tiro e a esgrima, elabora presentemente um plano que interessa não sòmente aos associados, mas também a suas famílias.

Além disso, porém, ela se empenha em algo de prático e imediato, que visa estreitar a aproximação entre os associados e incrementar seu interêsse despertado nos que sentem a necessidade de desenvolver a prática dos esportes entre oficiais.

Assim é que recentemente foram postas à prova as duas primeiras seleções de futebol organizadas para defender as cores do C.O.F.P.. Foram programados jogos-treino contra conjuntos formados pelos servidores dos Serviços de Transporte e de Intendência da Corporação. Realizados os embates no campo da Escola de Educação Física, foi grande o número de oficiais presentes, uns colaborando diretamente e outros para evidenciar seu apoio irrestrito, como estímulo aos organizadores. Ambas as equipes do Clube saíram vencedoras.

Foi a seguinte a constituição do 2.º quadro: tens. Juarez, Fernando (Olivetti), Públio e Orlando (Lara); Darci Siqueira e Niomar; Betoni (Casado), Brito, Abreu, Darci Cerciari e Fragoso. Placar: 4 a 0; tentos de Abreu (3) e Darci Siqueira.

O 1.º quadro jogou com: tens. Belickas, Correia Leite, Tenório e Mancini; Silvio Emílio e Ferrarini; Arci, Lau, Dorian, Alcione e Reche. Placar: 2 a 1; tentos de Alcione e Dorian.

A Presidência do Clube dos Oficiais da Fôrça Pública faz um apêlo aos sócios para que compareçam aos prêlios, incentivando dessa forma o trabalho que realiza a Comissão de Educação Física e Desportos.

☆ ☆ ☆

- * PRESTIGIE AS ATIVIDADES DA DIRETORIA DO CLUBE, COMPARECENDO AS REUNIÕES SOCIAIS E ESPORTIVAS.
- * O INTERÊSSE PELOS PROBLEMAS DO CLUBE NÃO SE HARMONIZA COM O COMODISMO.

Caçapava: Meio Século Tem o Regimento Ipiranga do E. B.

Transcorreu a 22 de março último o 50.º aniversário do já tão famoso REGIMENTO IPIRANGA, sediado em Caçapava. Das inúmeras glórias da unidade, bastaria compulsar o seu histórico preciosíssimo, que culmina com a página fulgurante da 2.ª grande conflagração mundial quando, com outras unidades federadas, em campos da Itália demonstrava o valor do soldado brasileiro.

Assim, perpetuou-se o nome desse regimento. Das comemorações do seu aniversário foram programadas solenidades cívicas, constando ainda uma parte desportiva variada. Da programação desportiva salientamos as provas de tiro ao alvo e de esgrima, que tiveram o resultado que transcrevemos abaixo:

Prova de tiro ao alvo: 1.º cap. Curcino — 2.º B.E. — 255 pts.; 2.º cap. Marcondes — 4.º R.I. — 252 pts.; 3.º cap. Eugenio — 6.º R.I. — 242 pts.; 4.º cap. Itamar — 5.º R.I. — 239 pts.; 5.º cap. Rebelo — 5.º R.I. — 235 pts.; 6.º cap. Nicanor — 4.º R.I. — 232 pts.;

7.º cap. Hely — 6.º R.I. — 230 pts.; 8.º cel. Nabor — 5.º B.C.-F.P. — 229 pts.; 9.º maj. Souto — 2.º B.E. — 227 pts.; 10.º cap. Hugo — 5.º B.C.-F.P. — 143 pts.

Prova de esgrima: 1.º ten. Amaral; 2.º — ten. Wyatt; 3.º — cap. Hely; 4.º — ten. Blanco; 5.º — cap. Quintela; 6.º — ten. Joel.

A quase todas as solenidades esteve presente o cel. Altevir Soares, digníssimo comandante, e a oficialidade. A E.E.F. da Força Pública, por sua Sec. de Esgrima, a solicitação daquele regimento, compareceu, formando o júri da prova de esgrima, procurando assim, modestamente, colaborar nas magníficas festividades. O Cavalheirismo e a hospitalidade do Regimento Ipiranga nos cativaram sensivelmente, ficando para nós uma recordação indelével, fruto da camaradagem que nos une, pelo mesmo ideal de servir à pátria. Ao glorioso REGIMENTO IPIRANGA, os sinceros votos de felicidade pela efeméride!

o Brasil em dois meses



O Brasil vive atualmente a tragédia ocasionada pela ascensão quase vertical do custo de vida. No momento em que redigimos estas linhas, ainda não temos conhecimento de estatística a esse respeito, referente aos últimos dois meses. Quando ao primeiro bimestre do corrente ano, revela órgão oficial que o aumento no custo de vida foi de 18%; equivalente, portanto ao verificado no decorrer de todo o ano passado. O presidente da República prometeu enérgicas providências e movimento de tropas federais sustou a anunciada caravana contra a carestia. De resto, a atual situação econômica do país condicionou todos os fatos dignos de registro. E ainda não se conteve a desenfreada corrida altista.

CARAVANA SUSTADA

Notícias de repressão procedentes da capital da República resultaram no adiamento "sine die" da projetada caravana contra a carestia. Trabalhadores, líderes estudantis e representantes de entidades populares diversas, reunidas em São Paulo no dia 16 de março último, decidiram adiar o movimento "sine die". Teve início uma campanha de propaganda intensiva no interior do Estado e através do Brasil e, em abril, trabalhadores de várias unidades da Federação reuniram-se em São Paulo, para estudar reivindicações.

DO RIO: AGONIZA A COFAP

COFAP, COAPS e outros que tais agonizam. Em fins de março, anunciou-se que estava em estudo, no Ministério da Fazenda, projeto de criação de órgão em substituição à COFAP. Com esta, deverão desaparecer ainda as COAPS dos Estados e a COMAP. É parte do plano de contenção do custo de vida, que acarretou medidas como a determinação de baixa nos preços da gasolina e de outros derivados do petróleo.

CRISES DA CRISE ECONÔMICA

Borracha, no Brasil, é sinônimo de crise. Ao mesmo tempo, fala-se em crise do café, crise do trigo e outras criseszinhas de nossa crise econômica. Em Bonn, nosso escritório comercial tenta medidas para reencontrar o paraíso perdido do mercado europeu de café. No Rio, um enviado do chanceler Adenauer procura atrair o Brasil, falando em incentivar nosso comércio com a Alemanha Ocidental. E a crise continua.

DA TRAGÉDIA ECONÔMICA AO DRAMA DO ENSINO

Da tragédia da economia nacional decorrem farsas, comédias e dramalhões. E o drama do ensino é uma variante. Proprietários de colégios, professores e alunos revezam-se nos movimentos grevistas, a qualquer propósito ou sem propósito, e as greves são inteligentemente entremeadas com a prodigalidade beatificante brasileira dos sucessivos feriados. E vamos dormindo eternamente em berço esplêndido.

Na UNESCO debate-se sobre a massa de seis milhões de crianças brasileiras sem escolas e traçam-se planos. No Bra-

sil, um punhado de abnegados luta por facilitar a importação de livros. E, no mais... é esperar.

SOBROU PEIXE

Como ocorreu em outras capitais brasileiras, o mercado paulistano foi abarrotado de pescado para os dias da Semana Santa. E passou a semana, mas o peixe ficou. Cumriu-se a promessa da Municipalidade quanto ao abastecimento, mas sem plano. E nosso consumidor não tomou conhecimento. Fartura? Talvez. Mas há quem lembre que as autoridades esqueceram o problema do preço e o paulistano, como o restante dos paulistas e brasileiros em geral, fez seu jejum, ou por fé ou por necessidade.

EM AÇÃO NO EXTERIOR

Volta à carga o governo brasileiro, para consolidação de sua nova política em relação à América Latina. Zona livre de comércio entrá países dêste canto do mundo — eis no que se fala atualmente. Há esperanças de breve acôrdo nesse sentido, com o Uruguai, a Argentina e o Chile.

Na Bolívia, alguns grupos brasileiros preparam-se para explorar o petróleo local. Acontece que os técnicos dizem comportarem aquelas jazidas não mais que três concessões, mas já há um ou dois grupos a mais. Observadores prevêm esbanjamento de cambiais, com uma exploração irracional. Por outro lado, diferenças da estrutura geológica das concessões prenunciam atritos entre os beneficiados que disputarão o quinhão melhor. E enquanto os brasileiros brigarem, expirará o prazo que vai até setembro próximo. Muitos concorrentes refugados valem-se disso para criticar o

governo pela má escolha, mas não falta quem aponte em tudo o dedo dos trustes internacionais.

Entrementes, os 21 do famoso comitê reunem-se em Buenos Aires, desde o último 27 de abril. Espera-se a adoção de uma política mais firme entre as nações do hemisfério, sem a atuação unilateral do mais forte.

"BARBUDOS" ENTRE NÓS

Procedentes de Buenos Aires, desembarcaram no Rio de Janeiro, em 30 de março findo, 7 rebeldes cubanos, incluindo uma mulher. Realizavam excursão através das Américas. Deram um pulo a São Paulo, onde permaneceram dois dias, fazendo visitas, dando entrevistas coletivas, distribuindo milhares de autógrafos, conferenciando com o governador e o prefeito e sempre correndo de um lado para outro. No dia 6 de abril, arribaram, rumo a Carracas, Havana e Nova Iorque, com suas barbas compridas e cabeleiras, foram a atração máxima da temporada. Sempre a sorrir, grangearam amizades e um dêles, máquina em punho, documentava tudo fotograficamente.

GASOLINA, FUNCIONALISMO &

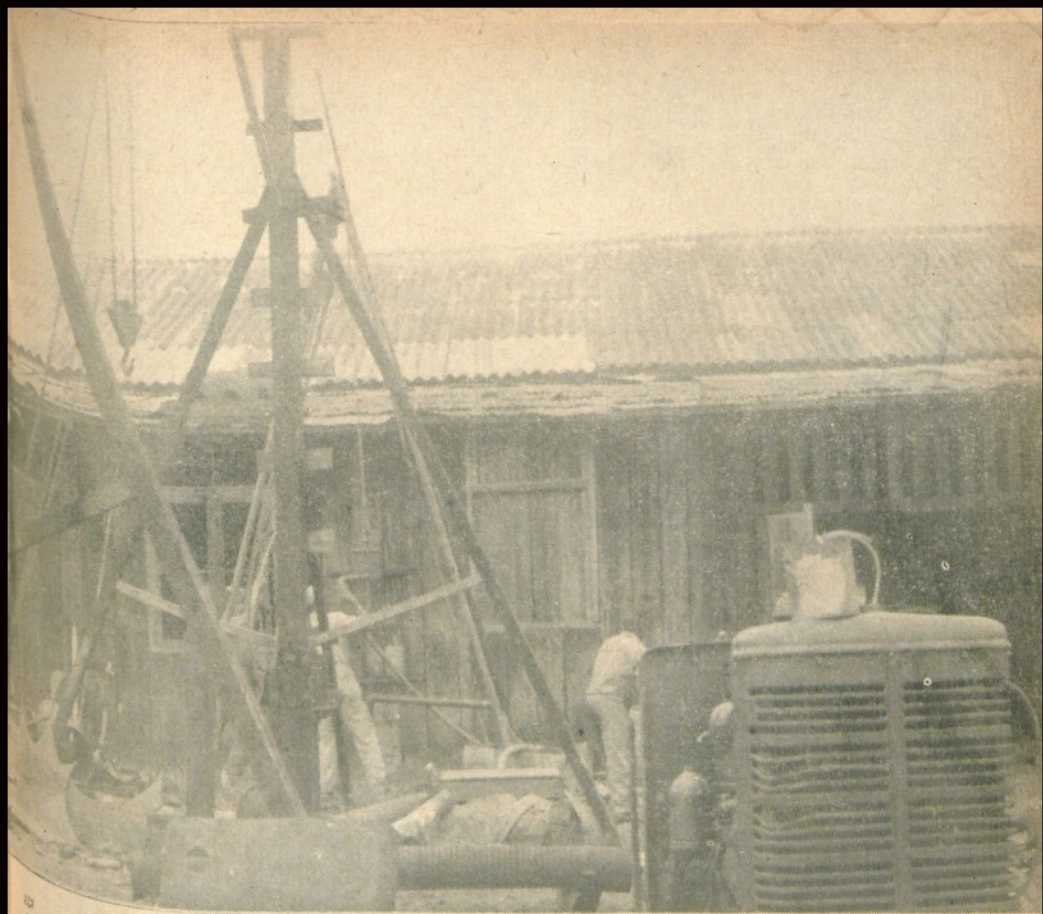
B. N. D. E.

Baixou o preço da gasolina e de outros derivados do petróleo. Pouquinho, mas baixou, em benefício dos transportes e como parte do plano de contenção do custo de vida. Ainda dentro do mesmo plano, foi prorrogada a vigência do decreto que impede mais admissões ao funcionalismo federal. Ao mesmo tempo, porém, enquanto muitos acusam o B.N. D.E. como um dos maiores responsáveis pelo estado atual de nossa economia, houve quem propusesse, em entrevista à imprensa, a criação de uma agência da qual o Banco em nossa capital.



NOSSOS CORRESPONDENTES

- BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros):** Dirección General de Policía, La Paz — cap. Saul Herbas Casanovas.
- CHILE (Cuerpo de Carabineros):** Prefectura General, Valparaíso — cap. Franklin Troncoso Bachler; IV Zona de Carabineros, Concepción — cap. Mossés Suty Castro; San Bernardo — cap. Efraim de la Fuente Gonzalez.
- ACRE (Guarda Territorial):** Q.G., Rio Branco — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.
- ALAGOAS (Policia Militar):** Q.G., Maceió — cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho; Destacamento Policial, São Braz — sgt. José Pereira da Silva.
- AMAPÁ (Guarda Territorial):** Sede, Macapá — ten. Uladih Charone.
- BAHIA (Policia Militar):** Palácio da Aclamação — major Edson Franklin de Queirós; 2.º B.C., Ilhéus — cap. Horton Pereira de Olinda; 3.º B.C., Juazeiro — cap. Salatiel Pereira de Queirós. Corpo Municipal de Bombeiros, Salvador — cap. Alvaro Albano de Oliveira.
- CEARA (Policia Militar):** B.I., Fortaleza — major José Delfido Pereira.
- DISTRITO FEDERAL (Policia Militar):** Q.G. ten. Luis Alberto de Souza, R.C. — ten. Hernani Alves de Brito; 6.º B.I. — ten. Enio Nascimento dos Reis; C.B. — ten. Fernando Carlos Machado.
- ESPIRITO SANTO (Policia Militar):** Q.G., Vitória — ten. João N. dos Reis
- GOIAS (Policia Militar):** Q.G., Goiânia — cap. Antônio Bonfim dos Santos; 2.º B.C., Goiás — ten. Rui Barbosa de Moura.
- MARANHAO (Fôrça Policial):** Q.G., São Luis — cap. Eurípedes B. Bezerra.
- MATO GROSSO (Policia Militar):** Comando Geral e 1.º B.C., Cuiabá — asp. Pernambuco da Costa Leite Filho, 2.º B.C., Campo Grande — ten. Edgard A. de Figueiredo; 2.ª Cia. do 2.º B.C., Ponta Porã — sgt. Francisco Romeiro.
- MINAS GERAIS (Policia Militar):** Q.G., Belo Horizonte — ten. Carlos Augusto da Costa; 3.º B.I., Diamantina — ten. Geraldo Francisco Marques; 7.º B.I., Bom Despacho — cap. José Guilherme Ferreira; 8.º B.I., Lavras — ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro, 9.º B.I., Barbacena — ten. Manoel Tavares Corrêa.
- PARÁ (Policia Militar):** Q.G., Belém — major dr. Valter da Silva.
- PARAIBA (Policia Militar):** Q.G., João Pessoa — ten. Luis Ferreira de Barros.
- PARANÁ (Policia Militar):** Q.G., Curitiba — ten. Eosni de Sena Maria Sobrinho.
- PIAUI (Policia Militar):** Q.G., Teresina — ten. Elesbão Soares.
- RIO DE JANEIRO (Policia Militar):** Q.G., Niterói — cap. Ademar Guilherme.
- RIO GRANDE DO NORTE (Policia Militar):** Q.G., Natal — ten. José G. Amorim.
- RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar):** Q.G., Pôrto Alegre — ten. João Aldo Danesi; 2.º R.C., Livramento — cap. Carlos Cravo Rodrigues.
- SANTA CATARINA (Policia Militar):** Q.G., Florianópolis — ten. Helio A A. Dutra de Azevedo; 3.ª Cia. Isolada, Canoinhas — ten. Edgard C. Pereira.
- SÃO PAULO (Fôrça Pública):** Q.G. — ten. José Fernandes; C.F.A. — ten. Valdomiro de Abreu; R.C. — tens. Horácio Bonzon e Carlos Aderbal Lorenz; C.B. — ten. Luis Augusto Savioli e asp. Joel Avoletta; 1.º B.C., Araraquara — asp. Waldomiro Christiano; 2.º B.C. ten. João de Oliveira Leite; 3.º B.C., Ribeirão Preto — ten. Nelson Homem de Melo; 4.º B.C., Bauru — ten. Aparecido do Amaral Gurgel; 5.º B.C., Taubaté — ten. Emerio Benedito Monteiro; 6.º B.C., Santos — cap. Gilberto Tuiuti Vilanova; 7.º B.C. Sorocaba — ten. Antônio Carlos Martins Fernandes; 8.º B.C., Campinas — ten. Evandro Martins (Piracicaba) e asp. Ivo de Camargo Varbas; 1.º B.I. — cap. Ari José Mercadante; 2.º B.I. — ten. Jatir de Souza 3.º B.I. — ten. Francisco Rodrigues; S.I. — ten. Alvaro Pielusch Altman; S. Subs. — ten. Antônio Meneghetti, E.E.F. — cap. Falco Antônio Bianco Jr.; S.T.M. — ten. José Varela; S.S. — ten. João Cardoso; C.M. — subten. José Romeu; S.F. — ten. Jonas Simões Machado; 1.ª Cia. Ind., Moji das Cruzes — cap. Alfredo de Paula das Neves; 2.ª Cia. Ind., São José do Rio Preto — ten. Rui da Silva Freitas; 3.ª Cia. Ind., Presidente Prudente — cap. Domingos de Melo; 1.ª C.I.B., Santos — cap. Paulo Marques Pereira; C.P.R. — ten. Flávio Capeletti; C.P.F. — ten. Mário Rodrigues Montemor.
- SERGIPE (Policia Militar):** Q.G., Aracaju — cap. Renato de Freitas Brandão.



FUTURA SEDE DO CLUBE DOS OFICIAIS — Estão em andamento os trabalhos para a construção da sede própria do Clube dos Oficiais da Força Pública. Aprovada a construção em fins do ano passado, imediatamente a Diretoria pôs mãos à obra. Obtido o terreno, em comodato, foi providenciado o projeto do edifício, contratada a empresa construtora e o material começou a chegar ao terreno. A Diretoria terminou seu mandato e o novo órgão dirigente prosseguiu a obra, sem solução de continuidade. Quando a reportagem esteve no local, surpreendeu os trabalhadores ocupados nas sondagens (foto). Numerosas perfurações foram feitas, para que pudesse iniciar-se a colocação dos alicerces. O edifício conterá todas as dependências necessárias ao perfeito funcionamento da entidade. Terá auditório, cinema, teatro, restaurante, escritórios, biblioteca e sala de leitura, dependências para jogos de salão etc. Também MILITIA terá sua redação na nova sede. A localização é aprazível, nas proximidades do rio Tietê, com frente para a av. Santos Dumont. Ao mesmo tempo, é próximo do centro da cidade e da maioria dos quartéis da Força. É ponto de passagem para os que demandam a zona norte, onde reside grande número de sócios.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:

1 — Agites; 7 — Guarneçam de asas; 9 — (Ant.) Nota musical; 11 — Isolado; 12 — Símbolo do érbio; 13 — Diminuíra; 16 Carinhosas; 17 — Deus egípcio; 18 — Car bonato de cálcio (sem a última); 19 — Sua senhoria; 20 — Malaca-cheta; 22 Tribu de índios.

Verticais:

2 — Ama sêca; 3 — O mesmo que surgir; 4 — Um dos periodos de

Resultado do número anterior:

	1	2	3	4	5	6	7
8	CA	TA	NA	☒	E	XE	DRA
9	VA	☒	CO	TUR	NO	☒	GA
10	LA	TO	☒	BA	LI	ZA	DOR
11	☒	MA	RA	☒	NA	DO	☒
12	ES	TÉ	TI	CA	☒	NA	TA
13	TA	☒	FI	NA	DO	☒	CA
14	FA	BRI	CAR	☒	CA	LA	DA

NOSSA CAPA

Do Saguão do Q. G. da Fôrça Pública, o Busto do Cel. Pedro Dias de Campos Olha os Jardins da Praça Fernando Pres-tes

	1	2	3	4	5	
3	☒	7				8
9	10	☒	11		☒	12
13		14			15	
16						
17		☒	18		☒	19
	☒	20			21	☒
	22					

formação da Terra; 5 — Preposição; 6 — Veneno extraído da casca de um cipó; 8 — Alastra-se; 10 — Assun- to; 12 — Epocas; 14 — Contração; 15 — Pronome latino; 20 — Roda de moinho; 21 — Atmosfera.



(FOTO DE WILSON DUARTE)